

ENTREVISTA

“A Fieg chega aos 70 anos com o entusiasmo dos jovens, atendida com as transformações que o mundo experimenta e que foram acentuadas com o impacto da pandemia. De olho nesse contexto, afirmamos que o futuro é, sim, agora!”, declara o presidente da Fieg, Sandro Mabel



SESI/SENAI

Investimentos de R\$ 25 milhões em dois anos

MINERAÇÃO

Setor deve movimentar perto de R\$ 30 bilhões entre 2019 e 2022

Mala Direta
Básica

9912352020/2014-DR/GO

FIEG



Goiás Industrial

ANO 69 / N.º 298 / ABRIL 2021

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS



A ÚNICA SALVAÇÃO

VACINAS, VACINAS, VACINAS E MAIS VACINAS

Fieg assume protagonismo na busca de alternativas para acelerar a campanha de imunização contra a Covid-19

FIEG 70 ANOS

INDÚSTRIA GOIANA: NA FRONTEIRA DA INOVAÇÃO

Desde sua criação, a Fieg participou ativamente de todos os grandes acontecimentos no Estado que envolveram o setor industrial, sempre na vanguarda das aceleradas mudanças dos processos produtivos e colaborando decisivamente com os poderes públicos para implantação e consolidação do parque industrial goiano



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

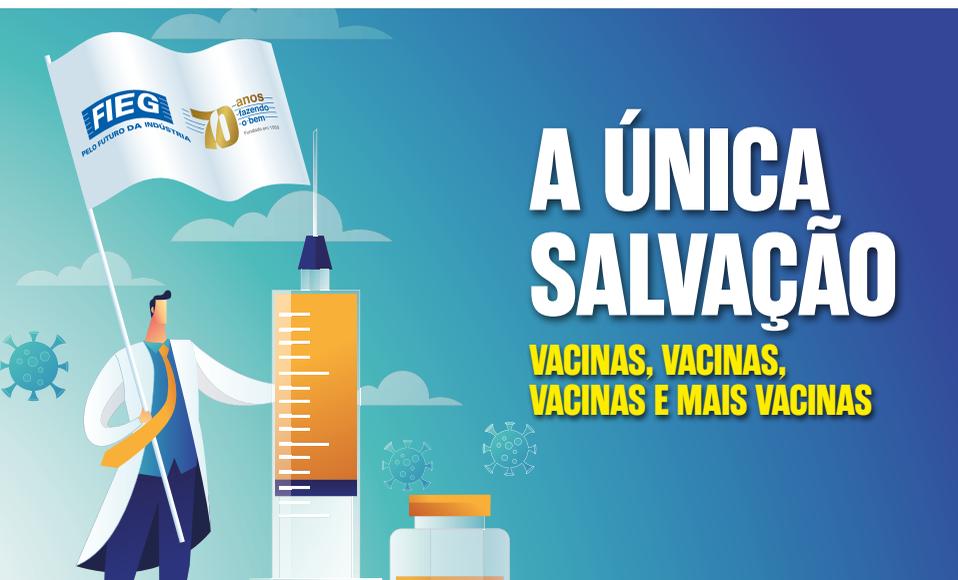
Fundada em 1950

CURSOS TÉCNICOS SENAI

Você + preparado
e ganhando mais.
Um Campeão.

senaigoias.
com.br/tecnicos
4002-6213





A ÚNICA SALVAÇÃO

VACINAS, VACINAS, VACINAS E MAIS VACINAS

CAPA

30 / A Fieg reagiu prontamente ao agravamento dramático da pandemia no Estado e no País, entre outras ações, assumindo, por meio de seu presidente **Sandro Mabel**, a frente das negociações para alterar a legislação e autorizar a compra de imunizantes pelo setor privado, projeto aprovado pela Câmara.



FIEG + SOLIDÁRIA

41 / Diante das restrições para tentar conter o avanço da pandemia, a Fieg + Solidária, presidida por **Raquel Ribeiro**, buscou reinventar sua atuação neste início de ano. As costumeiras doações de cestas de alimentos e outros produtos na Casa da Indústria, realizadas toda segunda-feira, foram substituídas por distribuição por meio do sistema drive-thru.

MINERAÇÃO

48 / Um dos pilares estratégicos definidos pela Fieg para o período entre 2019 e 2022, sob a gestão do presidente, **Sandro Mabel**, também à frente do **Conselho de Mineração da CNI**, a atividade deverá movimentar no Estado, nos próximos cinco anos, qualquer coisa ao redor de R\$ 30 bilhões.



OPINIÃO

5 / No artigo **Passado vitorioso, futuro promissor**, o presidente da Fieg, **Sandro Mabel**, traça paralelo entre as dificuldades da então incipiente indústria dos anos 50 e ações de hoje da Fieg, a exemplo do enfrentamento da pandemia da Covid-19.

6 / **Reinvenção, estratégia de sobrevivência para as MPEs** é tema de Sulamita de Aquino Porto, assessora técnica da Fieg.

7 / Douglas Paranyha de Abreu, assessor técnico de Agronegócio da Fieg, expõe sobre “fenômeno econômico mais discutido e menos compreendido”, em **Inflação e agronegócio, uma visão além das gôndolas do supermercado**.

8 / A nova forma de estudar encontrou no Sesi e no Senai estrutura preparada e com disposição de criar, com senso de urgência, uma nova forma de ensinar, diz o diretor de Educação e Tecnologia das instituições, em **Aprendizados da pandemia**.

9 / Quanto vale a casa? A pandemia escancarou seu valor, reflete o engenheiro Cezar Valmor Mortari, presidente do Sinduscon-GO, a respeito do movimento chamado **Valorização da Engenharia da Construção**.

ENTREVISTA

10 / Protagonista ativa dos atos e acontecimentos que moldaram a indústria no Estado, a **Fieg chega aos 70 anos “com o entusiasmo dos jovens”** e preparada para fazer frente aos desafios colocados pelas transformações mundo afora, acentuadas pela pandemia. “**Fieg, Sesi, Senai e IEL estão focados em atender às necessidades que as indústrias ainda vão ter, porque trabalhamos com as indústrias do futuro**”, afirma o presidente **Sandro Mabel**.



FIEG 70 ANOS

16 / Desde 17 de dezembro de 1950, a Fieg participa de todos os grandes acontecimentos no Estado que envolveram o setor industrial, sempre na vanguarda das aceleradas mudanças dos processos produtivos e colaborando decisivamente para implantação e consolidação do parque industrial goiano.



INVESTIMENTOS

26 / Sesi e Senai Goiás preveem para 2021 e 2022 investimentos superiores a R\$ 25 milhões – 25% mais do que os R\$ 20 milhões aplicados em 2020 –, para dar continuidade à modernização do parque tecnológico de suas unidades, adianta **Paulo Vargas**, superintendente do Sesi e diretor regional do Senai.



IEL

45 / O Instituto Eivaldo Lodi desenvolveu amplo leque de produtos para governo do Estado e prefeituras, incluindo ferramentas de aprimoramento da gestão e governança públicas, com potencial para mitigar entraves no atendimento às empresas e à população





Federação das Indústrias do Estado de Goiás

SISTEMA FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente: Sandro Mabel

Superintendente: João Carlos Gouveia

SESI

Serviço Social da Indústria

Diretor Regional: Sandro Mabel

Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

Presidente do Conselho

Regional: Sandro Mabel

Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi

Diretor: Hélio Naves

Superintendente: Humberto Oliveira

DIRETORIA DA FIEG (2019-2022)

Presidente: Sandro Mabel

1º Vice Presidente:

André Luiz B. Lins Rocha

2º Vice Presidente: Flávio Santana Rassi

3º Vice Presidente:

Antônio de Sousa Almeida

1º Diretor Secretário:

Célio Eustáquio de Moura

2º Diretor Secretário:

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

1º Diretor Financeiro:

Heribaldo Egídio da Silva

2º Diretor Financeiro: José Divino Arruda

Presidente da Fieg Regional Anápolis:

Wilson de Oliveira

Diretores

Alyson José Nogueira

Anastácios Apostolos Dagios

Bruno Franco Beraldi

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Bilemjian Filho

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Emílio Carlos Bittar

Enoque Pimentel do Nascimento

Gilberto Martins da Costa

Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves

Jair José de Alcântara

Jair Rizzi

Jaques Jamil Silvério

Joaquim Guilherme Barbosa de Souza

José Antônio Vitti

José Luiz Martins Abuli

Laerte Simão

Leandro Luiz Stival Ferreira

Marcelo de Freitas Barbosa

Marcos André Rodrigues de Siqueira

Olavo Martins Barros

Otávio Lage de Siqueira Filho

Robson Peixoto Braga

Sérgio Scodro

Wilson de Oliveira

Conselho fiscal

Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa

Roberto Elias Fernandes

Otávio Lage de Siqueira Filho

Conselho de representantes junto à CNI

Sandro Mabel

Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes junto à Fieg

Alcides Augusto da Fonseca

Álvaro Otávio Dantas Maia

Alyson José Nogueira

Anastácios Apostolos Dagios

André Lavor Pagels Barbosa

André Luiz Baptista Lins Rocha

Antônio Alves de Deus

Antônio Benedito dos Santos

Bruno Franco Beraldi Coelho

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos Roberto Viana

Célio Eustáquio de Moura

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

César Valmor Mortari

Eliton Rodrigues Fernandes

Elvis Roberson Pinto

Emílio Carlos Bittar

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Gilberto Martins da Costa

Heitor de Oliveira Nato Neto

Hélio Naves

Heribaldo Egídio

Ian Moreira Silva

Jaime Canedo

Jair José de Alcântara

Jair Rizzi

Jaques Jamil Silvério

Jerry Alexandre de Oliveira Paula

João Essado

José Antônio Vitti

José Carlos Garrote de Sousa

José Divino Arruda

José Lima Aleixo

José Luiz Martin Abuli

José Nivaldo de Oliveira

Laerte Simão

Leopoldo Moreira Neto

Lúcio Monteiro dos Santos

Luiz Antônio Gonçalves Fidelis

Luiz Antônio Vessani

Luiz Carlos de Castro Abreu

Luiza de Cássia Alencar Siqueira

Marcelo de Freitas Barbosa

Marcelo José Carneiro

Marcelo Reis Perillo

Marcos André R. de Siqueira

Marcus Brandão de Lima e Silva

Mário Barbosa de Arruda

Marley Antônio Rocha

Nicolas Lima Paiva

Olavo Martins Barros

Osnei Valadão Marques

Otávio Lage de Siqueira Filho

Pedro de Souza Cunha Júnior

Plínio Boechat Lopes

Robson Peixoto Braga

Sandro Mabel

Silvio de Souza Naves

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento

Tecnológico e Inovação

Presidente: Heribaldo Egídio

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente: Flávio Rassi

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho

Presidente: Marley Antônio da Rocha

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente: Marduk Duarte

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente: Thais Aparecida Santos

Conselho Temático de Assuntos Tributários (CTAT)

Presidente: Eduardo Cunha Zuppani

Conselho Temático de Assuntos Legislativos (CAL)

Presidente: André Luiz Baptista Lins Rocha

Câmara Setorial de Mineração

Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construção

Presidente: Sarkis Nabi Curi

Câmara Setorial de Alimentos e Bebidas (Casa)

Presidente: Carlos Roberto Viana

Rede Metrológica

Presidente: Melquiades da Cunha Neto

Comitê da Indústria de Defesa e Segurança de Goiás (Comdefesa)

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios

Câmara Setorial da Moda

Presidente: José Divino Arruda

Fieg + Solidária

Presidente: Raquel Ribeiro

EXPEDIENTE

Goias Industrial

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Direção e Coordenação de jornalismo
Sandra Persijn

Edição
Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Lima, Sérgio Lessa, Daniela Ribeiro, Luciana Amorim, Tatiana Reis e Renata Santos

Colaboração
Januária Guedes Cordeiro

Fotografia
Alex Malheiros

Projeto gráfico
Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações e diagramação
Jorge Del Bianco

DC Design Gráfico e Comunicação

Impressão
Gráfica Kelps

Departamento Comercial
(62) 3219-1710

Redação e correspondência
Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975

Home page: www.sistemafieg.org.br
E-mail: ascorn@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista



Passado vitorioso, futuro promissor



“A exemplo da participação ativa no processo de industrialização de Goiás nessas sete décadas, os planos do Sistema Fieg para o futuro estão bem definidos e focados em atender oportunamente às necessidades das indústrias do futuro.”

SANDRO MABEL, presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai

Esta é mais uma edição histórica da **Goiás Industrial**, dentro de série iniciada em dezembro, como parte das comemorações dos 70 anos da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), que mobilizam o setor produtivo e a sociedade em geral. **Fieg 70 anos: Inovação fazendo o bem e formando campeões** é o slogan que traduz a exitosa trajetória de uma das entidades sindicais mais longevas e importantes de Goiás e exprime igualmente a evolução da indústria goiana, em histórias que se misturam, numa simbiose perfeita, como mostra a reportagem *Do toucinho à Indústria 4.0*.

Uma indústria que, na esteira da fundação da Fieg naquele 17 de dezembro de 1950, venceu a incipiência e tornou-se uma das mais dinâmicas do País. Uma indústria que é hoje pauta de estudos para nossos alunos em sala de aula, onde o ensino de vanguarda é voltado para o mundo do trabalho e sua acelerada evolução tecnológica, na esteira da 4ª Revolução Industrial, a exemplo de concurso de redação sobre a temática da criação da Fieg, que mobilizou todas as unidades do Sesi e Senai em Goiás.

Uma indústria que, sete décadas depois, ao deparar-se com a pandemia da Covid-19, não mede esforços para enfrentar e amenizar, em diversas frentes, os impactos danosos sobre o setor produtivo, sem esquecer as pessoas mais vulneráveis da sociedade, exatamente os grupos de

risco, amparados com a criação da Fieg + Solidária, nosso mais exitoso programa de responsabilidade social.

Atualmente, a Federação das Indústrias concentra maiores esforços em três pilares estratégicos para o crescimento do setor produtivo goiano – a industrialização de grãos (milho e soja) no Estado, o fortalecimento da indústria da moda e suas cadeias e a verticalização do setor mineral, além da promoção de diversas ações voltadas para alavancar os demais segmentos industriais, diante da retomada da economia, após a pandemia.

Nesta edição, reportagens especiais mostram resposta ágil das instituições no combate à crise sanitária e uma verdadeira trincheira na guerra contra um inimigo invisível, sobretudo na busca obstinada da Fieg pela aquisição de vacinas contra a Covid-19, único caminho para a retomada segura das atividades e salvação da economia, de nossas empresas, de emprego e renda.

A exemplo da participação ativa no processo de industrialização de Goiás nessas sete décadas, os planos do Sistema Fieg para o futuro estão bem definidos e focados em atender oportunamente às necessidades das indústrias do futuro.

Enfim, o legado de um passado vitorioso orienta um futuro promissor, de conquistas de todo o Sistema Indústria em Goiás – integrado por Fieg, Sesi, Senai

e IEL –, com seu amplo e diversificado portfólio de produtos e serviços voltados para o setor produtivo e para a sociedade.

Não por acaso, um dos principais eventos do calendário comemorativo deste aniversário é o recém-lançado **Prêmio Fieg de Comunicação**, em sua 15ª edição, um desafio para profissionais da imprensa goiana mergulharem nessa bonita e exitosa história e produzir boas reportagens sobre os 70 anos da industrialização do Estado. Muito além da premiação, definida simbolicamente em um total de R\$ 70 mil, certamente sairão notícias de relevante interesse para os leitores.

Consolidado no meio jornalístico goiano, o concurso é realizado desde 2005, com objetivo de incentivar a produção de reportagens e a divulgação de informações sobre o desenvolvimento industrial goiano e os impactos na sociedade, seja na economia, infraestrutura, no emprego e renda, saúde, educação ou qualidade de vida.

O **15º Prêmio FIEG de Comunicação** será dividido em cinco categorias: Jornalismo Impresso, Radiojornalismo, Telejornalismo, Fotojornalismo e Webjornalismo – esta estreante no concurso. ■

Confira o regulamento no portal do Sistema Fieg



Reinvenção, estratégia de sobrevivência para as MPEs

Se o impacto sobre a vida humana é extremamente negativo, ainda não é possível dimensionar todas as consequências dos impactos econômicos causados pela crise do novo coronavírus.

De acordo com os dados do Sebrae, as micro e pequenas empresas (MPEs) têm 27% de participação do Produto Interno Bruto (PIB) Nacional e respondem por 52% dos empregos com carteira assinada no País, constituindo entretanto organizações menos preparadas para situações críticas e representando o segmento empresarial mais frágil diante da Covid-19.

A maioria das MPEs não possui uma governança eficaz e, com o fluxo de caixa apertado sem reservas financeiras, fica sem liquidez. No entanto, entre julho e outubro do ano passado, esse segmento criou 714,3 mil postos de trabalho em todo o Brasil. O número é quase duas vezes maior que o total de empregos gerados pelas empresas de médio e grande porte, que abriram, no mesmo período, 264,8 mil vagas. Os dados constam de levantamento feito pelo Sebrae, com informação do novo Caged do Ministério da Economia, que compila a abertura de vagas em todo o País. No acumulado do ano de 2020 até outubro, entretanto, as MPEs registraram saldo negativo de geração de emprego de 26 mil vagas, quase dez vezes menor que o saldo negativo apresentado pelas médias e grandes empresas.



Jorge Del Blanco

Como hábitos e prioridades de consumo foram modificados, novos modelos de negócios e canais de comercialização tiveram que ser estabelecidos. Necessário se fez criar oportunidades dentro do negócio, adaptando-se para manter o funcionamento e a fidelidade do cliente. Ou seja, os micros e pequenos empresários, principalmente, tiveram que se reinventar.

É necessário preparar a longo prazo. A digitalização, o universo on-line, que já estava em curso, veio para ficar. Quem entendeu que a linguagem, a relação com o cliente e a estratégia de divulgação do serviço devem ser diferentes saiu na frente e conseguiu sustentar seu negócio.

Uma empresa que não esteve ou não está apta a compreender essa mudança está muito provavelmente fadada ao fracasso.

Por isso, é tão importante que sejam desenvolvidas políticas públicas e ações de desenvolvimento para melhorar o ambiente de negócios dos pequenos empreendimentos.

“É necessário preparar a longo prazo. A digitalização, o universo on-line, que já estava em curso, veio para ficar. Quem entendeu que a linguagem, a relação com o cliente e a estratégia de divulgação do serviço devem ser diferentes saiu na frente e conseguiu sustentar seu negócio.”



SULAMITA DE AQUINO PORTO, assessora técnica da Fieg

Criado em 2020, o Programa Nacional de Apoio às Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Pronampe) abriu várias linhas de crédito para os micros e pequenos empresários, a exemplo de tantas outras visando atender às necessidades do empreendedor que não possui recursos para sustentar seu negócio, ou para propiciar o crescimento empresarial.

Mais da metade das empresas já buscaram empréstimo bancário, sendo grande parte também o grupo que não buscou e os que não conseguiram devido ao endividamento e a questões burocráticas, de acordo com a 6ª edição da pesquisa O Impacto da Pandemia de Coronavírus nos Pequenos Negócios, do Sebrae.

As MPEs, inevitavelmente, tiveram que se atualizar em relação às leis de trabalho e adotá-las como uma estratégia de sobrevivência, a exemplo da redução proporcional do salário e jornada; suspensão do contrato de trabalho; parcelamento do FGTS; férias antecipadas e a possibilidade de prorrogar o pagamento do 13º.

O que vem pela frente? Os empreendedores que se reinventaram precisam apresentar suas propostas de valor aos seus clientes, alinhando competitividade, conhecimento de seus produtos e serviços, além de escolherem canais corretos de comunicação, venda e distribuição.

Encontrar novas alternativas para antigos e novos problemas. ■

Inflação e agronegócio, uma visão além das gôndolas do supermercado

A inflação é talvez o fenômeno econômico mais discutido e menos compreendido na atualidade. Na fala da maior parte dos jornalistas e seus especialistas convidados, inflação é o aumento generalizado dos preços das mercadorias em uma economia. Mas será que a sociedade realmente entende o que isso significa?

Os tipos de mercados podem ser diferenciados por tipos de mercadoria, como, por exemplo, o mercado de feijão. Quando existem fatores que diminuem a disponibilidade do produto, sejam climáticos, por aumento da demanda ou do custo de insumos agrícolas, o reflexo é a escassez e, por consequência, seus preços tendem a subir como forma de ajuste frente a esse desequilíbrio. Nesse exemplo, apesar do aumento de preços, não houve de fato inflação, pois a ocorrência é em um mercado específico e não em todos os mercados.

Agora vem a pergunta que realmente importa: Qual elemento/mercadoria está presente em todos os mercados para que uma alteração em sua disponibilidade influencie o preço de todas as mercadorias? A resposta é óbvia: o dinheiro! A escassez relativa de dinheiro é uma alteração capaz de influenciar todos os mercados cumulativamente, pois ele está presente em todas as transações econômicas.

Quanto maior for a disponibilidade de dinheiro em uma economia, menor

será seu valor frente ao valor das outras mercadorias, ou seja, maiores serão os preços. Lembrando que preço é apenas uma variável determinada pela relação de troca entre unidades de dinheiro e os demais bens.

Por se tratar de um fenômeno extremamente complexo, a inflação não pode ser identificada exatamente, mas existem formas que os economistas encontraram de mensurar seus efeitos ao longo do tempo, por meio dos chamados índices de preços. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) capta as variações em praticamente todos os mercados da economia brasileira, ou seja, busca captar o efeito “inflação”. A partir dele é possível então descontar essas variações de preços causadas pela inflação das variações de preços das mercadorias e, assim, chegamos ao que os economistas chamam de “preços reais”. Ou seja, os preços de determinados produtos em relação aos demais produtos dos outros mercados, e não em relação à variação do valor do dinheiro.

É mais simples do que parece. Vamos ver na prática o que isso significa e onde o agronegócio entra nessa história. Em janeiro de 2000, a média de preço de uma cesta básica nas principais capitais brasileiras girava em torno de R\$ 97,20. Após 21 anos, em dezembro de 2020, esse preço saltou para R\$ 545,00. Mas, supondo que no Brasil não houvesse a inflação medida

“Então, ao olharem os preços nas gôndolas dos supermercados, lembrem-se de que as indústrias, que estão ali representadas por suas marcas, fazem parte de um importante e complexo ambiente econômico. E que preços mais altos não ocorrem por vontade dos empresários, mas por forças econômicas que estão agindo além daquelas gôndolas.”



DOUGLAS PARANAHYBA DE ABREU, assessor técnico de Agronegócio da Fieq

pelo INPC, o preço médio “real” da cesta básica em dezembro de 2020 seria R\$ 151,50, ou seja, teria encarecido apenas 55,9% em duas décadas. Essa diferença de R\$ 393,50 é efeito do aumento da disponibilidade e percepção de desvalorização do dinheiro pelos brasileiros ao comprarem a mesma cesta básica, frente a todas as outras mercadorias dos outros mercados.

Para finalizar, acredito que já somos capazes de imaginar o seguinte cenário. Hoje no Brasil, a qualidade e disponibilidade de alimentos são extremamente melhores e maiores do que 20 anos atrás, acredito que ninguém discorda disso. Essa melhoria de vida dos brasileiros no quesito alimentação só foi possível devido a incríveis ganhos de eficiência do agronegócio brasileiro. E apesar de todas essas melhorias, o preço da cesta básica hoje, absolutamente necessária para parcela mais pobre da sociedade, está 55,1% mais cara (sem o efeito pandemia seria 26,1%). Então, ao olharem os preços nas gôndolas dos supermercados, lembrem-se de que as indústrias, que estão ali representadas por suas marcas, fazem parte de um importante e complexo ambiente econômico. E que preços mais altos não ocorrem por vontade dos empresários, mas por forças econômicas que estão agindo além daquelas gôndolas. ■

Aprendizados da pandemia

Com a publicação, em 1999, do relatório sobre a educação para o novo século, coordenado por Jacques Delors, com o título “Educação, um tesouro a descobrir”, a Unesco apresentou novos conceitos que passaram a ser amplamente debatidos pela sociedade, trazendo um novo olhar sobre a forma de aprender. Esse documento apresentou quatro pilares sobre os quais a educação deverá se sustentar: **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.**

Com o advento da pandemia da Covid-19, estamos descobrindo novas vertentes desse tesouro. Um novo desafio se fez necessário, pois nunca se tornou tão atual a definição apresentada por Alvin Toffler quanto à necessidade que temos de “**Aprender, desaprender e reaprender**”. Nesse sentido, o desaprender aparece como novo elemento, pois todos nós tivemos, em algum momento, de abdicar de conceitos consolidados que passaram a ganhar novos significados, como o simples ato de cumprimentar alguém, uso de álcool em gel, assepsia dos alimentos, isolamento social, utilização de máscaras. Uma lição que aprendemos como indivíduos e como sociedade.

Passado o primeiro ano de convivência com o vírus da Covid-19, responsável pela primeira pandemia deste século, salienta-se que, no campo da educação, todas as rotinas foram alterada. Tudo

que tínhamos aprendido como padrão de comportamento, como ir à escola e participar de aulas presenciais, deixou de ser o modelo, o que levou o estudante a reaprender a forma de estudar, diante da nova realidade.

A nova forma de estudar encontrou no Sesi e no Senai estrutura preparada e com senso de urgência para criar alternativas, permitindo que todos os estudantes pudessem cumprir o ano letivo. O calendário escolar foi reestruturado, respeitando as especificidades de cada modalidade e níveis de ensino, de forma a garantir os dias letivos e a plena execução das matrizes curriculares propostas.

Nossos estudantes, diante da mudança de rotina, que também impactou na família, não perderam aula e nem conteúdo, demonstrando a capacidade de adaptação ao novo, o que garantiu o processo de ensino-aprendizagem.

Criamos uma plataforma tecnológica, on-line, para execução das aulas regulares (comunicação, postagem de materiais...), com a mesma atratividade das aulas presenciais. Nossa plataforma se fortaleceu com a conexão a outras ferramentas de suporte para realização das aulas remotas, as quais garantiram a execução plena com as mesmas dinâmicas do padrão tradicional das escolas.

Esse modelo mediado pelas tecnologias para a oferta do ensino remoto colocou a escola diante de uma nova rea-

“*A nova forma de estudar encontrou no Sesi e no Senai estrutura preparada e com senso de urgência para criar alternativas, permitindo que todos os estudantes pudessem cumprir o ano letivo.*”



CLAUDEMIR JOSÉ BONATTO, diretor de Educação e Tecnologia do Sesi e Senai Goiás

lidade, “o digital”, premente nos dias atuais. Para avançarmos, precisamos sobretudo de professores capacitados, engajados e preparados para a nova realidade, o que nos inspirou a desenvolver o Programa de Formação “Trilha em Fluência Digital”, oportunizando aos docentes os subsídios mínimos necessários para a transformação digital em curso.

Esta pandemia quebrou paradigmas e passaremos a coexistir com um novo modelo de educação que passa a vigorar, independentemente do final da Covid-19. Sobre essa concepção, percebemos que nossa plataforma digital passará por constantes atualizações e inserções de novos recursos, como realidade virtual, aumentada, mista, simuladores e gamificações. Além disso, nosso programa de capacitação se fortalece a cada dia, garantindo uma trilha de formação com foco nas competências necessárias para esse novo mundo totalmente digital.

Temos empreendido também um grande esforço na continuidade dos investimentos que consolidem a nova realidade da educação, seja do ponto de vista metodológico ou de infraestrutura, para que nossos professores sejam mais do que youtubers ou influencers digitais, mas sim que possam **aprender, desaprender e reaprender**, e que por meio de nossos alunos protagonizem a construção do futuro em um mundo que está em permanente transformação. ■

Quanto vale a casa? A pandemia escancarou seu valor

“ O Sinduscon-GO e a Fieg têm se dedicado a essa tarefa e os resultados já aparecem, com empresas goianas destacando-se no ambiente construtivo nacional. Muitas empresas goianas já dominam as melhores tecnologias disponíveis dentro do escopo de suas disciplinas. ”



ENG. CEZAR VALMOR MORTARI, presidente do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO)

Cresce, entre as instituições, um movimento chamado Valorização da Engenharia da Construção. A CBIC (Câmara Brasileira da Indústria da Construção) gestiona, juntamente com o Confea (Conselho Federal da Engenharia e Agronomia), ações conjuntas, envolvendo um amplo espectro de entidades como as federações de indústria, as universidades e associações no sentido do resgate da vital importância da Engenharia no nosso meio.

A própria pandemia do coronavírus trouxe o assunto para a berlinda pois um dos seus efeitos mais visíveis é a chamada volta para casa. E desse movimento titânico emerge a própria importância do teto na vida das pessoas. Reflexo visível foi a rápida recuperação do setor de construção no segundo semestre do ano passado. Desde as pequenas melhorias nas residências turbinadas pelo auxílio emergencial até a compra desabrada de apartamentos nas grandes construtoras que alavanca o setor imobiliário. Tudo pela casa. Assim é que a Engenharia da Construção, em particular a Engenharia Civil, assume papel de protagonismo. Mas não só: essa importância precisa ser reconhecida e valorizada por todos, a bem da sociedade.

Nas obras públicas, esperam-se os efeitos benéficos da nova Lei de Licitações, em vias de aprovação final. O novo texto exige que qualquer licitação seja feita com

todos os projetos executivos, demanda recorrente das empresas que atuam neste setor. A sua obra não tem como ser melhor do que seu projeto, pode ser pior, melhor nunca, diz o engenheiro Hugo Rosa diretor da Método. O que nosso setor reivindica é que a qualidade final está estritamente ligada à qualidade do planejamento. Depreende-se, então, que jamais poderá o menor preço entregar a melhor qualidade. A busca terá que ser o melhor preço, que inclui vários aspectos que interferem na análise, em muitos casos o menor prazo. Exemplo manifesto disso são as obras de intervenção viária no coração de nossas grandes cidades.

No cálculo do custo da obra, o licitante terá que calcular o custo para os usuários e, mesmo, o custo da não oportunidade de executar uma obra no menor tempo possível tecnicamente. Numa obra de um viaduto importante, no afã de economizar R\$ 10 milhões aos cofres públicos, prolonga-se a obra por mais três meses além do necessário. E isso custará várias dezenas de milhões aos usuários e diretamente afetados. Não é justo e revela-se trágico para a economia das cidades.

Há muito o que fazer, em especial na área de infraestrutura, e os administradores públicos terão que dar mais voz aos técnicos, em particular aos engenheiros. A tarefa no saneamento, por exemplo, é hercúlea: universalizar o sistema até 2033, segundo

o novo Marco Legal, recém-aprovado. O fornecimento de água potável terá que passar de 85% hoje para 98%. O tratamento de esgotos de 43% para 90%. Estamos falando de investimentos que ultrapassam R\$ 750 bilhões. Isso somente será produtor com a valorização dos bons profissionais. A engenharia é transversal e está presente em quase tudo, diz Virgínia Campos, presidente da Sociedade Mineira de Engenharia. Para ela, “não existe país próspero sem engenharia próspera”.

Na área de obras industriais e corporativas, também se espera dos investidores atenção sempre maior à eficácia e efetividade das obras. Hoje, a Norma de Desempenho sugere VUP (Vida Útil do Projeto) de 50 anos. Impossível atender aos preceitos dessa moderna norma sem a valorização da boa engenharia. Há que se buscar o incentivo ao desenvolvimento dos bons profissionais e das boas empresas, tanto projetistas como construtoras e fornecedores da cadeia produtiva. O Sinduscon-GO e a Fieg têm se dedicado a essa tarefa e os resultados já aparecem, com empresas goianas destacando-se no ambiente construtivo nacional. Muitas empresas goianas já dominam as melhores tecnologias disponíveis dentro do escopo de suas disciplinas.

Quanto vale a casa? Mais do que podíamos imaginar. ■



“ A Fieg chega aos 70 anos com o entusiasmo dos jovens, atendida com as transformações que o mundo experimenta e que foram acentuadas com o impacto da pandemia. De olho nesse contexto, afirmamos que o futuro é, sim, agora! ”



“O futuro é, sim, agora!”

*“A Fieg chega aos 70 anos com o entusiasmo dos jovens, antenada com as transformações que o mundo experimenta e que foram acentuadas com o impacto da pandemia. De olho nesse contexto, afirmamos que o futuro é, sim, agora!”, declara o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Sandro Mabel, em entrevista à **Goiás Industrial**. Segundo ele, a entidade participou ativamente do processo de industrialização do Estado ao longo daquelas sete décadas, “sobretudo preparando e qualificando a mão de obra necessária para esse salto da indústria em nosso Estado”. Ao mesmo tempo, ressalta ele, a Fieg tem sido agente da inovação, construindo e entregando “as ferramentas necessárias para que a indústria goiana pudesse competir em pé de igualdade com as instaladas nos grandes centros consumidores, principalmente com forte atuação nas políticas de incentivos fiscais”. Numa visão de longo prazo, a federação e as instituições que integram o Sistema Fieg investem fortemente na modernização de suas estruturas e no aprimoramento dos serviços que oferecem ao setor e antecipam uma atuação ainda mais firme na área da educação, reforçando a formação de líderes para a indústria do futuro e a capacitação de pessoal. “A Fieg, o Sesi, o Senai e o IEL estão focados em atender às necessidades que as indústrias ainda vão ter, porque trabalhamos com as indústrias do futuro”, afirma. Neste e nos próximos anos, é decisão reforçar ações e projetos com foco nos três eixos estratégicos definidos pela atual gestão, envolvendo as indústrias da mineração, da moda e de processamento de grãos, de forma a capturar novos investimentos, gerando emprego e renda em todo o interior do Estado. Com agilidade e decisão, a Fieg igualmente tem atuado para amenizar os impactos da pandemia sobre o setor produtivo e, mais especialmente, sobre os setores mais vulneráveis da sociedade, com o lançamento, ainda nos primeiros momentos da crise sanitária, em 2020, do programa **Fieg + Solidária**.*

Lauro Veiga Filho
Fotos: Alex Malheiros

Goiás Industrial – Nas últimas sete décadas, a economia goiana e, destacadamente, o setor industrial enfrentaram grandes mudanças, com o Estado migrando de um estágio eminentemente primário, baseado na produção e extração de produtos agropecuários, para uma economia mais industrializada, ainda que centrada no processamento de bens primários. Como o sr. descreveria o papel desempenhado pela Fieg nesse processo?

Sandro Mabel – A Fieg participou ativamente desse movimento e teve papel fundamental nessas transformações, sobretudo preparando e qualificando a mão de obra necessária para esse salto da indústria em nosso Estado. Paralelamente, fomos agentes da inovação, incentivando e fornecendo as ferramentas necessárias para que a indústria goiana pudesse competir em pé de igualdade com as instaladas nos grandes centros consumidores, principalmente com forte atuação nas políticas de incentivos fiscais. Somam-se ainda os esforços que sempre encampamos para levar a produção goiana ao mercado internacional, fomentado melhores práticas e promovendo a participação de nossos industriais em feiras e rodadas de negócios no exterior.

Goiás Industrial – Ainda em relação ao desempenho da federação no processo de industrialização, em que momentos a atuação da Fieg se mostrou decisiva para mudar os rumos da economia estadual?

Sandro Mabel – A articulação da Federação das Indústrias na implementação do Fomentar e, posteriormente, no aperfeiçoamento que culminou com o Produzir, sem dúvida, foi um divisor de águas. O salto que o setor industrial goiano experimentou nos últimos 35 anos foi gigantesco. A indústria transformou a economia goiana, gerou empregos e riquezas em nosso Estado, levou desenvolvimento e qualidade de vida para o interior, com crescimento estrategicamente voltado ao agronegócio. A participação da Fieg nesse movimento foi determinante, não só preparando as bases para que os investimentos encontrassem profissionais bem preparados, mas, sobretudo mobilizando a sociedade em torno de discussão tão essencial ao crescimento: a atração de indústrias para Goiás.

Goiás Industrial – Por que motivos, em sua avaliação, a Fieg continua sendo relevante para o setor industrial e para a economia estadual no atual momento? O sr. poderia comentar

sobre os principais projetos estratégicos incluídos em sua plataforma desde o começo de sua gestão, envolvendo o tripé mineração, agronegócio e indústria da moda?

Sandro Mabel – A história mostra que a união faz a força. No setor produtivo, não é diferente. A união das indústrias proporciona um olhar macro sobre as necessidades do setor, o que é determinante para a construção de soluções alinhadas com os desafios contemporâneos. Nesse sentido, a Fieg chega aos 70 anos com o entusiasmo dos jovens, antenada com as transformações que o mundo experimenta e que foram acentuadas com o impacto da pandemia. De olho nesse contexto, afirmamos que o futuro é, sim, agora! Que somos agentes indutores da inovação nas indústrias goianas, seja por meio das soluções ofertadas pelo Senai e IEL Goiás, seja pela formação dos futuros líderes do setor pelo Sesi. Também somos agentes do crescimento e da atração de investimentos para nosso Estado. Para isso, consideramos o presente, mas projetamos também como

queremos estar nas próximas décadas, o legado que construímos hoje para as futuras gerações. Pensando nisso, estabelecemos os eixos estratégicos da Mineração, Agronegócio e Moda como as vocações econômicas do Estado que podem promover ainda mais a atração de novos investimentos e levar a marca da produção goiana para outros Estados e países. Construir políticas públicas que fomentem o desenvolvimento desses setores é promover mais emprego, mais renda e mais qualidade de vida para a população de Goiás. São setores que têm grande potencial para alavancar a economia do Estado, in-

crementar a arrecadação e reverter os impostos em benefícios para a sociedade.

Goiás Industrial – Em relação ao futuro, quais os próximos passos e que projetos estão sendo desenhados para os anos seguintes? Quais serão as áreas escolhidas como estratégicas e prioritárias e que importância a inovação terão nesse projeto para o futuro? Mais especificamente, a federação e entidades do Sistema Fieg estão pensando em novos produtos e serviços a serem oferecidos a sua clientela?

Sandro Mabel – Vamos alavancar ainda mais os nossos eixos prioritários de moda, mineração e beneficiamento de grãos, estabelecendo parcerias, trabalhando junto ao Legislativo e ao Executivo. Mas também vamos atuar firmes na educação. Por meio do Sesi, vamos construir uma escola para formar líderes, com

“ Fomos agentes da inovação, incentivando e fornecendo as ferramentas necessárias para que a indústria goiana pudesse competir em pé de igualdade com as instaladas nos grandes centros consumidores, principalmente com forte atuação nas políticas de incentivos fiscais ”

educação diferenciada, para preparar jovens para conduzirem as indústrias, para liderar grandes projetos. O Senai em Goiás está cada vez mais moderno e vamos modernizar ainda mais, com laboratórios e equipamentos que facilitem a vida do industrial, dando celeridade e eficiência aos processos produtivos, a exemplo do que fizemos com as indústrias farmacêuticas ao montarmos o laboratório de Polimorfismo Molecular e adquirirmos o Difratômetro. Também vamos atuar forte na saúde e segurança do trabalhador, mas de forma preventiva. Estamos reestruturando nossas academias Sesi e as transformando em centros de reabilitação e fortalecimento muscular e aumentando a abrangência de nossas campanhas de imunização. Enfim, a Fieg, o Sesi, o Senai e o IEL estão focados em atender às necessidades que as indústrias ainda vão ter, porque trabalhamos com as indústrias do futuro.

Goiás Industrial – A Fieg sempre teve forte atuação em defesa da política de incentivos fiscais, como forma de estimular investimentos no setor industrial e atrair novas indústrias, ainda ausentes na cadeia produtiva estadual. Qual sua avaliação das mudanças ocorridas recentemente nesta área, sobretudo com o lançamento do ProGoiás?

Sandro Mabel – Participei da elaboração do Fomentar, da atração de indústrias para Goiás e da formatação do Produzir, já como deputado federal. As mudanças ocorridas a partir de 2019 são no sentido contrário do que vinha acontecendo desde os anos 1980, pois ao fixar pagamento de uma contribuição ao Protege (Fundo de Proteção Social do Estado de Goiás) de 15%, diminuiu-se a competitividade dos programas e acabou-se a atratividade de novas indústrias para Goiás. Foi o que chamei de desindustrialização do Estado. Ainda fizeram uma “caça às bruxas” com o empresário industrial, transformando a lei de incentivos fiscais em palanque e expondo empresários de forma vexatória, quebrando toda a segurança jurídica do Estado. O ProGoiás trouxe um novo fôlego, mais dinâmico e menos burocrático, trouxe redução da contribuição do Protege e manteve grande parte dos benefícios contidos no Produzir e no Fomentar. O ex-secretário da Indústria e Comércio tentou ajudar, mas o governo reduziu o poder dele. Agora estamos com muitas expectativas com a atuação do secretário José Vitti (titular da Secretaria de Indústria, Comércio e Serviços). Ele também é do setor produtivo, político hábil. Temos certeza de que ele será um grande secretário.

“A articulação da Federação das Indústrias na implementação do Fomentar e, posteriormente, no aperfeiçoamento que culminou com o Produzir, sem dúvida, foi um divisor de águas. O salto que o setor industrial goiano experimentou nos últimos 35 anos foi gigantesco”

Goiás Industrial – As mudanças ocorridas na política goiana de incentivo ao investimento envolveram negociações nem sempre fáceis com o governo estadual. Como o sr. avalia, hoje, o relacionamento entre a federação e o governo do Estado, considerando episódios recentes relacionados aos formatos definidos pelo governo no enfrentamento da pandemia e a questão das vacinas contra a Covid-19?

Sandro Mabel – Contribuir com o desenvolvimento socioeconômico de Goiás é o propósito da Fieg desde sua implantação, em 1950. É com essa missão que centramos nossas ações. Não olhamos somente o retrato atual, mas o impacto que as decisões políticas terão no longo prazo. Infelizmente, nem sempre o gestor público mapeia o efeito das decisões nas próximas décadas. O olhar é centrado no período de gestão, nos quatro anos de governo. Por isso, prezamos pela nossa independência. A Fieg existe para defesa do setor produtivo goiano e, quando digo isso, refiro-me não somente à parte patronal, mas também à laboral. Tanto industriais quanto

industriários são impactados pelas políticas públicas adotadas. Quando o Estado perde competitividade ou opta pelo lockdown como única forma de enfrentamento da pandemia, todos sofrem as consequências. Lockdown é para que o gestor ganhe tempo para agir, e isso não foi feito e ainda não está sendo feito. Enquanto todos os Estados e prefeituras estão se movimentando para comprar vacinas, nosso governador se contenta com as migalhas que vêm do governo federal. Eu não apenas pressiono, mas aponto soluções! Foi o que fizemos ao encontrar vacinas à

pronta entrega de uma empresa chinesa. Entreguei a proposta de compra ao secretário de Saúde. Daí pra frente é com eles! Nós estamos fazendo nossa parte. Estamos aqui para somar com o governo do Estado. Mesmo quando temos opiniões divergentes, nossa ação e manifestação é buscando o melhor para os goianos. E isso é o extraordinário que a democracia nos proporciona. A divergência muitas vezes promove políticas aperfeiçoadas, justamente pelo olhar diversificado sobre o mesmo problema.

Goiás Industrial – Desde o início da pandemia, a Fieg demonstrou celeridade e compreensão da gravidade do momento. Quais ações o sr. destacaria como mais importantes para enfrentar a crise causada pelo Sars-CoV-2 e que resultados a Fieg tem a apresentar à sociedade? Neste momento de agravamento da pandemia, com aceleração nos números de casos de contágio e de mortes, o que a Fieg tem feito para

tentar amenizar os impactos da crise sanitária?

Sandro Mabel – Temos atuado em diversas frentes: responsabilidade social, trabalhista, insumos para o combate na linha de frente e articulação institucional. Pela Fieg + Solidária, mobilizamos os empresários goianos para doação de alimentos e itens de higiene e limpeza para famílias em situação de vulnerabilidade social e com pessoas do grupo de risco. Em um ano, a iniciativa já entregou mais de 200 toneladas de produtos para 221 entidades assistenciais. Na área trabalhista, mobilizamos sindicatos das indústrias e laborais para firmar acordos coletivos emergenciais, buscando minimizar o impacto da pandemia. O empenho foi, sobretudo, pela manutenção dos postos de trabalho, evitando demissões em massa, sobretudo em setores considerados como não essenciais pelos decretos estaduais e municipais e que tiveram que fechar as portas por meses devido a medidas restritivas de funcionamento. Paralelamente, também envidamos esforços para o combate da pandemia na linha de frente. Nesse sentido, promovemos a cessão em comodato de quase uma centena de capacetes Elmo às prefeituras de Goiânia, da Região Metropolitana e do interior; consertamos mais de cem respiradores, confeccionamos máscaras e face shields que foram entregues à rede pública de saúde. Além disso, mobilizamos indústrias para arrecadação de cilindros de oxigênio, por meio da campanha Respira Goiás. E, na vacinação, cedemos veículos do Sesi e Senai para acelerar a imunização de pessoas do grupo de risco, levando os agentes de saúde aos locais onde precisam visitar para aplicação das doses. Buscamos, ainda, acelerar a vacinação pela iniciativa privada. Para tanto, buscamos institucionalmente o apoio do Congresso Nacional para aprovação de MP que autorize empresas a imunizarem seus colaboradores, visto que o Brasil já garantiu a compra das vacinas necessárias para imunização dos grupos prioritários pelo Plano Nacional de Imunização (PNI). Essa ação, sem dúvida, vai desafogar o SUS e acelerar imensamente a vacinação dos trabalhadores brasileiros.

Goiás Industrial – *Entre essas ações, a federação tem atuado, como o sr. tem demonstrado, para tentar alterar a legislação e permitir que o setor privado possa adquirir vacinas para imunização de seus empregados. Como o sr. avalia as propostas para franquear o acesso das empresas a imunizantes, uma das quais sugere a possibilidade de abater os gastos com a compra da vacina do Imposto de Renda? De que forma o sr. responderia aos críticos, que veem nessa iniciativa uma tentativa de estabelecer uma espécie de “fila dupla” na campanha de vacinação, lembrando que a oferta de vacinas no mundo ainda é escassa e essa aquisição poderia desfalcocar o Plano Nacional de Imunização (PIN)?*

Sandro Mabel – Não existe fura fila ou fila dupla. O governo

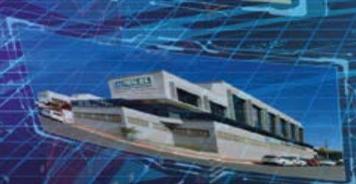
federal já comprou 560 milhões de doses de vacinas. As vacinas que forem vendidas daqui pra frente não interferem nessa compra, vão apenas somar esforços. Quanto mais empresários estiverem vacinando seus colaboradores, menos gente estará na fila de vacinas e mais gente estará imunizada. Não existe competição, existe cooperação. No ritmo em que estamos, só vamos conseguir vacinar a classe produtiva no ano que vem. Assim não há economia que aguentem! As pessoas vão morrer de fome, de desespero, de depressão, porque não vai ter emprego, não vai ter comida. Temos de pensar racionalmente. Quanto mais gente comprando vacina e vacinando, melhor para todos. Todos ganham! ■



“ **Vamos atuar firmes na educação. Por meio do Sesi, vamos construir uma escola para formar líderes, com educação diferenciada, para preparar jovens para conduzirem as indústrias, para liderar grandes projetos. O Senai em Goiás está cada vez mais moderno e vamos modernizar ainda mais, com laboratórios e equipamentos que facilitem a vida do industrial, dando celeridade e eficiência aos processos produtivos** ”

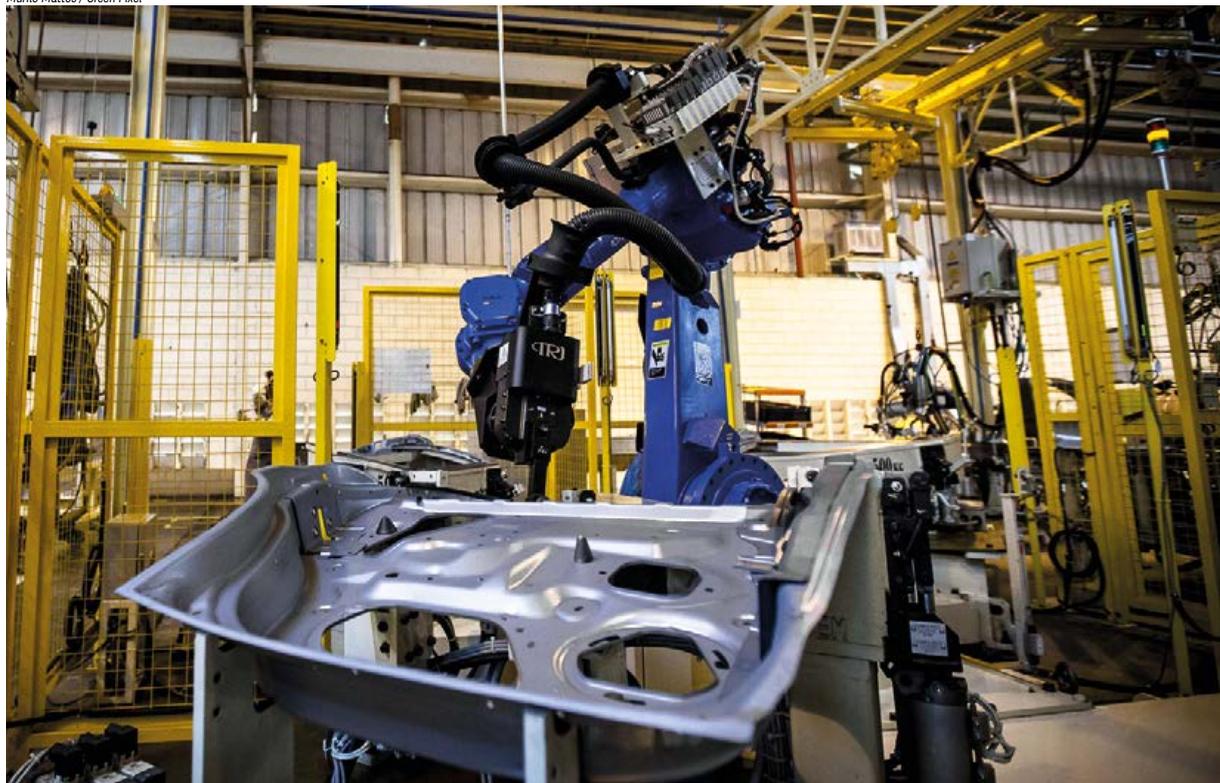
FIEG 70 ANOS

*Inovação fazendo o bem
e formando CAMPEÕES.*



FIEG **70** anos
fazendo
o-bem
Fundada em 1950
PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

Murilo Mattos / Green Pixel



Weimer Carvalho



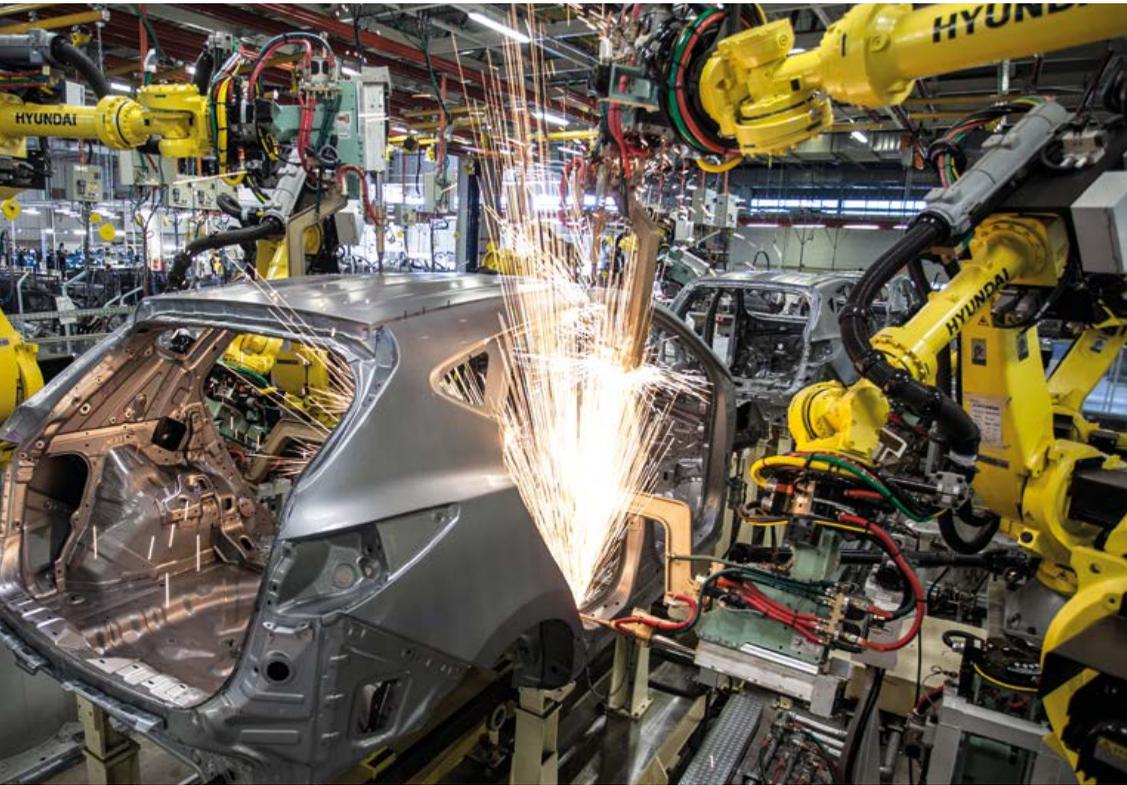
DO TOUCINHO À INDÚSTRIA 4.0

Fieg celebra 70 anos de sua criação, como uma das mais longevas e importantes entidades classistas de Goiás, como participação decisiva no processo de industrialização e mudança do perfil econômico do Estado

.....
Dehovan Lima

Nascida não de uma mas de cinco costelas – dos pioneiros Sindicatos das Indústrias da Construção e Mobiliário (Sinduscon), da Alfaiataria e Confeção de Roupas de Homem (Sindialf), de Calçados (Sindicalce), de Alimentação (Siaeg) e Gráficas (Sigego) –, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) celebra 70 anos de sua criação e contabiliza o avanço do segmento, hoje um dos mais dinâmicos do País.

Fundada em 17 de dezembro de 1950, a entidade participou ativamente de todos os grandes acontecimentos no Estado que



► **Linhas de produção da Mitsubishi, em Catalão, e da Hyundai, em Anápolis:** indústrias contemporâneas atraídas para Goiás na esteira de benefícios fiscais

► **Sandro Mabel e Pedro Alves, em 2018:** sucessão na presidência da Fieg resultante de união das lideranças industriais

envolveram o setor industrial, sempre na vanguarda das aceleradas mudanças dos processos produtivos e colaborando decisivamente com os poderes públicos para implantação e consolidação do parque industrial goiano.

A Fieg acompanhou a evolução do segmento desde sua fase de incipiência, entre os anos 1940 e 1970, voltada para atividades relacionadas à agropecuária (produção de carnes, processamento de couro, toucinho, dentre outros), além de algumas atividades ligadas à indústria extrativa vegetal e mineral. Nos anos 80, o avanço foi potencializado por políticas fiscais de isenções tributárias e creditícias, por meio do Fomentar e FCO, até período mais recente e contemporâneo, com crescimento e diversificação de atividades, sobretudo como diferencial para atrair importantes empresas para o território goiano, segundo apontam os pesquisadores Sérgio Borges Fonseca Júnior e Eduiges Romanatto, no estudo *A Indústria em Goiás: uma análise em perspectiva histórica*, do Instituto Mau-

Alex Malheiros



ro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos.

A partir dos anos 1990, principalmente como o

Leia mais



advento da estabilização monetária pós-inflação em alta, com a instauração do Plano Real (1994), historiam os pesquisadores, o setor industrial goiano passou a ►



► **Marcos Arriel, do IMB:**
 “Urbanização rápida, crescimento do mercado e incentivos fiscais alavancaram a industrialização goiana”

se comportar de maneira ascendente, com destaque para as atividades de construção civil e de transformação.

Antes, em meados da década de 80, eles apontam a materialização do forte apoio governamental à industrialização goiana, com a instituição do Fomentar (Fundo de Fomento à Industrialização do Estado de Goiás), em 1984, e sua substituição pelo Produzir (Programa de Desenvolvimento Industrial de Goiás), muito mais agressivo na concessão de incentivos e benefícios fiscais.

Protagonismo em plano nacional

“Em linhas gerais, ao se comparar a gênese da indústria goiana com a vigente, percebe-se uma clara modificação de perfil, passando-se de atividades bastante triviais, que se resumiam ao processamento, em níveis básicos, de alimentos e animais, para uma estrutura industrial mais contemporânea, contemplando importantes

empresas em seu território e com bom grau de diversificação entre suas atividades”, dizem eles no estudo.

No período de 2002 a 2014 – acrescentam os estudiosos –, “Goiás continuou ampliando a sua atividade industrial; as políticas fiscais de isenção tributária e creditícias, através do Produzir e FCO, continuaram sendo fundamentais para o setor industrial goiano. Nota-se isto pelo crescimento real do valor da transformação industrial que foi de 6,7% ao ano em boa parte do período, taxa bem superior à registrada nacionalmente (2,5%).”

Não por acaso, outro estudioso do Instituto Mauro Borges, o economista Marcos Arriel, no trabalho *A Dinâmica Produtiva e Espacial da Indústria Goiana*, analisa o protagonismo do segmento em plano nacional marcante em diversos indicadores econômicos, como produção industrial, geração de empregos e valor de transformação industrial (VTI), invariavelmente acima da média do País. Segundo ele, a indústria goiana ganhou músculos ao longo de sua história, diversificou-se e

chegou a expandir a fatia dos setores com alta intensidade tecnológica. Nas três últimas décadas, novos segmentos industriais, como automotivo, farmoquímico e sucroenergético, foram incorporados à economia goiana, de forma sólida e dinâmica.

“A Fieg tem historicamente reconhecido papel e contribuição importantes no acelerado crescimento, na modernização e diversificação da indústria goiana, por sua atuação integrada e abrangente”, afirma **Sandro Mabel**, o quinto presidente de uma das mais longevas entidades classistas do empresariado goiano, que teve como antecessores Antônio Ferreira Pacheco, José Aquino Porto, Paulo Afonso Ferreira e Pedro Alves de Oliveira.

Ao assumir a federação, para mandato no período 2019-2022, ele elegeu como pilares estratégicos a industrialização, no Estado, de grãos hoje exportados in natura, a verticalização da produção mineral e o fortalecimento da indústria da moda. Classificado como atividade essencial durante a pandemia, o setor mineral (*leia mais nas páginas 30 a 35*) ganhou status também no âmbito da Confederação Nacional da Indústria (CNI), com a recriação do Conselho Temático de Mineração, presidido por Sandro Mabel, que na Fieg criou a Câmara Setorial da Moda.

A multiplicação das cadeias produtivas

Dos cinco sindicatos pioneiros que criaram a Fieg, hoje a base da federação é composta por 35 entidades representativas de diversos segmentos que formam as cadeias produtivas da indústria goiana (*confira na página 66*).

A indústria de Goiás soma 35.713 estabelecimentos, segundo registro de 2019 – o mais recente – da Rais (Relação Anual de Informações Sociais). Do total, 15.493 são empresas não declarantes ou que não possuíam funcionários no ano base. Um dos três grandes setores econômicos que mais absorvem mão de obra e pagam os melhores salários, o segmento industrial goiano totaliza 315.081 empregos diretos, dos quais 60.453 na construção, o que representa 20,67% do total no Estado. A média salarial é de R\$ 2.425 (valor da remuneração em dezembro de 2019), segundo Romullo de Oliveira Vieira Mota, analista de dados do Observatório Fieg/IEL.

Na divisão do Produto Interno Bruto em grandes setores – classificado entre serviços e agropecuária, em estrutura predominante em nível mundial –, a indústria tem participação de 20,8% no PIB do Estado e fatia de 2,75% do total do País, ficando em 10º lugar no ranking nacional.

Além de elevada participação relativa no PIB, na geração de empregos e na oferta das maiores remunerações, o setor industrial responde também pela absorção de importante parcela de mão de obra de profissionais com maior nível de escolaridade. “É preciso entender, apontam os pesquisadores Sérgio Borges Fonseca Júnior e Eduiges Romanatto, que a indústria é o setor mais encadeado com os demais setores econômicos, cujo desempenho está diretamente atrelado ao desempenho do setor industrial.” O encadeamento, segundo eles, faz com que a criação de determinada empresa seja maior do que seu efeito individual, pois representa concomitantemente a criação de elos para trás, com uma gama de fornecedores, e para frente, com inúmeros compradores.

Além disso, dizem ainda, o setor industrial é o grande propulsor do desenvolvimento de novas tecnologias, permanentemente inovando, modificando suas estruturas produtivas, lançando

novas tecnologias. “Desta forma, o setor industrial acaba sendo determinante na dinâmica dos demais setores, pois é a partir dele que são desenvolvidos novos produtos e tecnologias que podem ser utilizadas na agropecuária e no setor de serviços.” ■

Leia mais na
Goiás Industrial
297 sobre as
comemorações
dos 70 anos
da Fieg

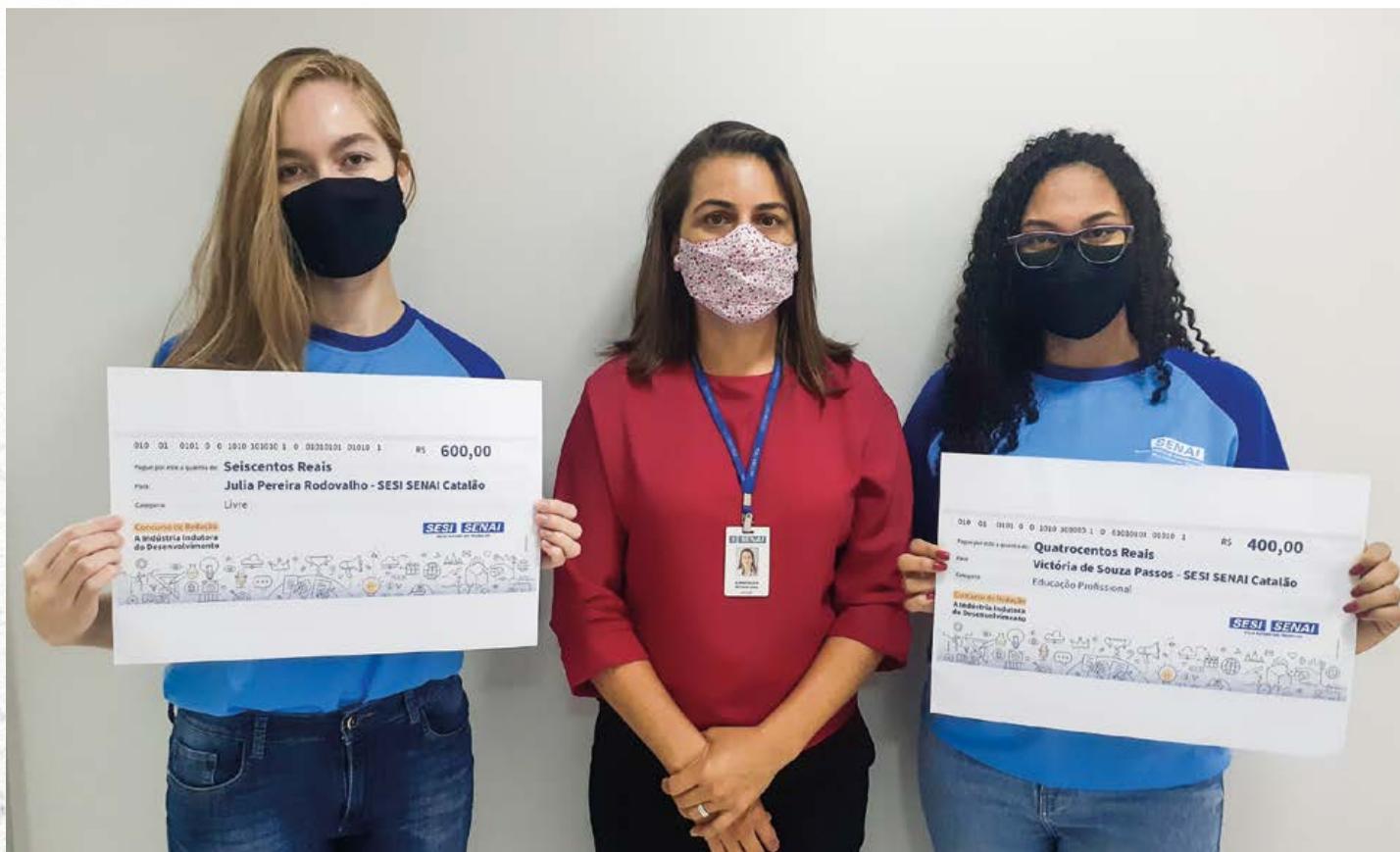


► **Edifício José Aquino Porto, o Palácio da Indústria, no Centro:** pioneira e famosa sede da Fieg, hoje abriga serviços do Sesi Goiânia



► **Antônio Ferreira Pacheco, José Aquino Porto, Paulo Afonso Ferreira:** ex-presidentes da Fieg





► Júlia e Victória, alunas do Sesi e Senai Catalão, com a diretora Aliana Calaça, em dia de premiação virtual

Indústria, origem de todo o desenvolvimento

Desafiados a falar sobre a contribuição da indústria para o desenvolvimento socioeconômico, alunos do Sesi e Senai Goiás têm produção textual premiada em concurso de redação, dentro das comemorações dos 70 anos de criação da Fieg

Dehovan Lima e Andelaide Lima

Da célebre citação do escritor irlandês Oscar Wilde, de que “a indústria é a origem de todas as fealdades” – reformulada para “a indústria é a origem de todo o desenvolvimento” –, a uma analogia da fábrica da animação *Monstros S.A.*, passando pela produção de sementes geneticamente modificadas até técnicas genéticas para produção de vacinas, alunos do Sesi e Senai Goiás deram asas à criatividade no concurso de redação *A Indústria Indutora de Conhecimento*.

Uma das atividades comemorativas dos 70 anos de criação da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), a promoção incentivou a produção textual sobre a contribuição da indústria para o desenvolvimento socioeconômico.

Das 136 redações recebidas, 4 foram premiadas. Na categoria Ensino Fundamental, a campeã foi a aluna Yasmin Aires dos Reis, do 8º ano do Sesi Niquelândia, no Norte Goiano. Como prêmio, ela recebeu 200 reais. Aluno da Escola Sesi Senai Jardim Colorado, em Goiânia, Luiz Felipe Cabral Lino venceu na categoria Ensino Médio, com prêmio de 400 reais.

Nas categorias Educação Profissional e Livre, venceram as estudantes da Unidade Sesi Senai Catalão Victória de Souza Passos e Júlia Pereira Rodovalho, alunas do curso de assistente administrativo (aprendizagem), premiadas com 400 reais e 600 reais, respectivamente.

O presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai, **Sandro Mabel**, considerou de “alto nível” a produção textual dos alunos, o que demonstra, em sua opinião, o interesse dos estudantes pelo segmento produtivo e o acerto das instituições em investir cada vez mais na educação profissional voltada para o mundo do trabalho e formar profissionais “apaixonados” pela indústria, como ele defende.

“Precisamos pensar para frente, preparar nossas escolas e jovens para o futuro. Queremos formar alunos não para as demandas de hoje, mas para a próxima

década, desenvolvendo soluções para os desafios de quando entrarem no mercado de trabalho”, afirma. “O segmento industrial é o que mais emprega e está sempre em evolução, precisando de profissionais bem treinados e qualificados. O Sesi e o Senai Goiás fazem a diferença com atividades como essas em sala de aula. Ou seja, estão preparados para a quarta revolução industrial, a Indústria 4.0, formando profissio-

nais de acordo com essa nova realidade do mercado de trabalho. São inúmeros cursos e serviços para quem busca uma boa colocação na indústria”, completa.

► **Yasmin Aires dos Reis**, aluna do 8º ano do Sesi Niquelândia, e vencedora na categoria Ensino Fundamental, recebe prêmio, ao lado do pai, Melquisedec Aires, e dos diretores Thiago Vieira Ferri Suelma Maidana



► **Aluno da Escola Sesi Senai Jardim Colorado, em Goiânia, Luiz Felipe Cabral Lino** vencedor na categoria Ensino Médio, ao lado da mãe, **Christiane Cabral**, e de **Michelle Bellei**, supervisora pedagógica

O papel fundamental da indústria

“Instituições como o Sesi e o Senai fornecem cursos de qualificação profissional que têm como objetivo formar profissionais capazes de atuarem em diversas áreas da indústria, ou seja, além de gerar empregos, o sistema industriário fornece diversos cursos para que os cidadãos sejam elegíveis ao cargo.”

LUIZ FELIPE CABRAL LINO, aluno do 2º ano do Ensino Médio – Técnico em Ciências da Natureza da Unidade Integrada Sesi Senai Jardim Colorado

Com o advento do capitalismo e o processo de revoluções industriais, a indústria como se conhece hoje surgiu e tornou-se a principal responsável pelo desenvolvimento em todas as áreas econômicas e sociais, acabou por servir, também, como indicador de riqueza e avanço de uma nação. Em países subdesenvolvidos como o Brasil, as indústrias desempenham grandes papéis na redução da taxa de desemprego, no aumento do desenvolvimento econômico e na melhoria do padrão de vida da população.

O processo de expansão industrial e a implantação de indústrias em várias regiões do Brasil permitiram a geração de empregos e um estímulo de aprimoramento profissional para essas vagas. Instituições como o Sesi

e o Senai fornecem cursos de qualificação profissional que têm como objetivo formar profissionais capazes de atuarem em diversas áreas da indústria, ou seja, além de gerar empregos, o sistema industriário fornece diversos cursos para que os cidadãos sejam elegíveis ao cargo.

Juntamente com o crescimento da empregabilidade, a economia também é impulsionada pela indústria. Segundo o IBGE, cerca de 21,4% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro vem do sistema industriário, uma parte muito importante da renda interna. Além disso, grande parte do investimento em pesquisas e no desenvolvimento tecnológico vem da indústria, quanto maior o avanço da tecnologia, maior a oti-



mização da produção, o que faz a economia girar.

Ademais, o desenvolvimento econômico e a queda da taxa de desemprego provocam uma melhor distribuição de renda, aumentando o padrão de vida da população.

Portanto, apesar de não ser prioridade de investimento no Brasil, a indústria tem sido a maior indutora do desenvolvimento da econômica, ciência, tecnologia e várias outras áreas. Por meio dela e de seus programas de incentivo, várias pessoas puderam melhorar sua renda, sua escolaridade e até mesmo planejar um futuro melhor para seus filhos. Esse é o papel da indústria: produzir bens e desenvolvimento para toda a população.

Salto para o futuro

“Primeiramente, vale ressaltar que a indústria, ao requisitar a qualificação profissional para a ocupação de cargos, promove a valorização e evolução do conhecimento científico.”

JÚLIA PEREIRA RODOVALHO, aluna de Aprendizagem Industrial/ Assistente Administrativo do Sesi Senai Catalão

Na animação Monstros S.A., uma fábrica de monstros sustenta sua cidade por meio de gritos decorrentes de sustos dados às crianças. Porém, em oposição a esse sistema, James Sullivan e Mire Wazowski, acompa-

nhados da pequena humana Boo, embarcam em uma aventura e transformam sua empresa, a qual passa a gerar alegria e a unir dois mundos distintos. Nesse sentido, é notório que a indústria promove desenvolvimento e



avanços, como inovações no campo científico e melhorias no aspecto socioeconômico da população. Logo, torna-se indispensável investir e valorizar tal setor para o avanço pleno do Brasil.

Primeiramente, vale ressaltar que a indústria, ao requisitar a qualificação profissional para a ocupação de cargos, promove a valorização e evolução do conhecimento científico. Nesse âmbito, inúmeros benefícios são proporcionados, como a produção de sementes geneticamente modificadas – transgênicos –, as quais se adaptam a climas diferentes, reduzem o uso de agrotóxicos e elevam a produtividade, além de técnicas genéticas para produção de vacinas. Dentre essas, pode-se citar o método do DNA recombinante, no qual um fragmento de DNA ou RNA é introduzido no organismo, sem vetores infectantes, a fim de estimular a produção de anticorpos específicos, sendo

usado, por exemplo, para imunizar a população contra SARS-CoV-2. Desse modo, busca-se um saber que proporcione a máxima bonificação para o maior número de pessoas, conforme a teoria utilitarista do filósofo Jeremy Bentham.

Além disso, a atividade industrial promove melhorias no nível socioeconômico do País. Nesse contexto, durante o governo Vargas, a Petrobras e a Eletrobras foram criadas, bem como a instituição do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), as quais visavam a qualificar os cidadãos brasileiros, estimular a industrialização e o crescimento econômico. Com isso, em 1943, as leis trabalhistas são consolidadas e asseguram ao trabalhador condições seguras e salubres para desempenhar sua função, colocando em destaque o setor secundário. Sob esse viés, segundo a Confederação Nacional de Indústria (CNI), o ramo industrialista

emprega 9,7 milhões de pessoas, representa 22% do PIB (Produto Interno Bruto) e gera 1,3 trilhão de reais para a economia, sendo um importante veículo de transformação social, dessarte.

Infere-se, portanto, que o setor industrial é uma ferramenta primordial para elevar o desenvolvimento nacional. Diante disso, cabe ao Estado fornecer os insumos necessários para sua atuação e o acesso facilitado aos cursos técnico e superior, preparando os indivíduos para o mercado trabalhista, enquanto a sociedade deve ratificar o papel desempenhado pelo setor e os ganhos gerados. Assim, a indústria, ofertando a sua melhor versão, tal como no longa Monstros S.A., e a nação brasileira caminharão com segurança a um futuro de sucesso e esperança.

Indústria em movimento

“A indústria é considerada um “motor de crescimento” na qual gera empregos, auxilia no desenvolvimento da economia, tecnologia e inovação, com isso, conseguimos elevar o padrão de vida pública, diminuindo a taxa de desigualdade social.”

YASMIN AIRES DOS REIS, aluna do 8º ano Ensino Fundamental da Escola Sesi Niquelândia

Desde a Revolução Industrial, a indústria vem se expandindo de forma significativa no globo, contribuindo no caráter econômico, social e educacional para os países nos quais possuem essas empresas.

A indústria é considerada um “motor de crescimento” no qual gera empregos, auxilia no desenvolvimento da economia, tecnologia e inovação, com isso, conseguimos elevar o padrão de vida pública, diminuindo a taxa de desigualdade social,

Em um mundo cada vez mais tecno-

lógico, os processos industriais são como “geradores de inovações”, nos quais transformam uma base material em riqueza (valor), o Professor Carlos Américo Pacheco, do Instituto de Economia da Unicamp (Universidade de Campinas), destaca que, historicamente, o principal realizador de inovações é a indústria.

A indústria tem grande participação econômica em nosso país. De acordo com a CNI (Confederação Nacional da Indústria), para cada R\$ 1,00 produzido na indústria,

são gerados R\$ 2,40 na economia como um todo, além da mesma representar 20,9% do PIB (Produto Interno Bruto) no Brasil.

De modo geral, a indústria nos apoia em todos os sentidos, tanto de maneira direta quanto indiretamente, nos proporcionando: tecnologia, educação, renda, empregos e o bem-estar social!



A origem do desenvolvimento

“Segundo o escritor Oscar Wilde, “a indústria é a origem de todas as fealdades”, contudo, diante de todas as transformações vistas, a expressão correta seria: “A indústria é a origem de todo o desenvolvimento”, visto sua importância para a economia, sociedade e educação.”

VICTÓRIA DE SOUZA PASSOS, aluna de Educação Profissional/ Assistente Administrativo (Presencial e EaD) do Sesi Senai Catalão



A partir do surgimento da Revolução Industrial no século 18, o mundo passou por diversas transformações em que as relações de trabalho foram moldadas, então, com o advento da indústria, o desenvolvimento foi notável, não só na economia, como também no estilo de vida da sociedade e educação.

Ademais, o processo de industrialização trouxe consigo novas tecnologias de comunicação e informação, além da globalização, isto é, a indústria induz o desenvolvimento. A economia em países mais industrializados é maior, a sociedade tem melhor qualidade de vida e a

educação é tida como prioridade, dado que, elevando a qualidade na educação estarão investindo, conseqüentemente, na capacitação de mão de obra e no aumento da produtividade.

Outrossim, a indústria auxilia na produção de mais empregos, fomentando a economia, melhorando o padrão de vida das pessoas, gerando assim poder aquisitivo; além disso, a fabricação de produtos industrializados é importante para a exportação, possibilitando o aumento da produtividade, do PIB e de tudo que foi aludido.

Segundo o escritor Oscar Wilde, “a

indústria é a origem de todas as fealdades”, contudo, diante de todas as transformações vistas, a expressão correta seria: “A indústria é a origem de todo o desenvolvimento”, visto sua importância para a economia, sociedade e educação.

Diante das informações supracitadas, é de suma importância que através de debates políticos seja discutida a relevância da indústria na sociedade, para que assim haja maiores investimentos, a fim de que se tenham mais produção, empregos, melhoria na economia, educação e desenvolvimento. ■

“O Sesi e o Senai Goiás fazem a diferença com atividades como essas em sala de aula. Ou seja, estão preparados para a quarta revolução industrial, a indústria 4.0, formando profissionais de acordo com essa nova realidade do mercado de trabalho.”

SANDRO MABEL, presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai



“O nível da produção textual no concurso de redação sobre a indústria evidencia o grau do ensino oferecido na rede Sesi e Senai, voltado para a realidade do setor produtivo.”

PAULO VARGAS, diretor regional do Senai e superintendente do Sesi



Fotos: Alex Magliero

A repercussão sobre o 70º aniversário da Fieg



Ideais comuns

“A Federação do Comércio de Serviços, Bens e Turismo do Estado de Goiás (Fecomércio GO) e a Fieg são da mesma geração temporal e histórica. Mais do que isso, temos os mesmos ideais de progresso, desenvolvimento e bem-estar para a população goiana. Caminhamos juntos por sete décadas, compartilhamos ideais comuns. Os desafios que o futuro nos apresenta nunca nos intimidaram. Ao contrário, sempre estimularam a imaginação e a criatividade dos valorosos líderes. Parabéns, Fieg! E que venham novos 70 anos!”



MARCELO BAIOCCHI, presidente da Fecomércio-GO

Grandes líderes

“Desde que foi criada, a partir de cinco sindicatos, a Fieg sempre foi dirigida por grandes líderes que souberam conduzir a entidade e aglutinar o setor produtivo industrial em nosso Estado. A história de Goiás e seu processo de desenvolvimento não pode ser contada sem ter a Fieg como participante destacada de todos os grandes acontecimentos. A indústria colaborou e continua colaborando decisivamente com o setor público na implantação e consolidação do parque industrial goiano e na formação educacional e de mão de obra, por meio do Sesi e do Senai.”



LUIZ ALBERTO PEREIRA, presidente do Sistema OCB/GO

A Fieg e a transformação

“Goiás está em constante desenvolvimento e a indústria faz parte desse crescimento, transformando vidas, gerando empregos e progresso para todo o Estado. A Fieg tem um papel muito importante nessa transformação. Parabênz o trabalho de centenas de homens e mulheres que há sete décadas vêm construindo a instituição, contribuindo para o desenvolvimento da indústria e levando qualidade de vida para as famílias goianas. A todos os colaboradores do Sistema Fieg que abraçaram o empreendedorismo em favor do desenvolvimento, minhas congratulações.”



ZÉ MÁRIO SCHREINER, presidente do Sistema Faeg/Senar e deputado federal (DEM-GO)

Elo para fortalecer o setor produtivo

“A Fieg é um patrimônio do setor privado goiano, por onde passaram grandes lideranças do setor industrial, que transformaram a economia do Estado durante seus 70 anos. A Adial tem orgulho de caminhar ao lado da Fieg na busca das melhores condições de desenvolvimento empresarial e humano para os goianos, de toda família industrial, que envolve o empresário, sua família, nossos colaboradores e toda cadeia de operação. A Fieg é um elo importante e histórico para fortalecer e unir o setor produtivo.”



OTAVIO LAGE DE SIQUEIRA FILHO, presidente do Conselho da Adial

Papel essencial

“Sempre intransigente na representação do seu segmento, a Fieg é uma entidade muito respeitada também pela classe lojista, que testemunha o trabalho de defesa do setor produtivo realizado conjuntamente pela FCDL-GO, Federação das Indústrias e demais instituições do Fórum Empresarial. A Fieg, com certeza, tem papel determinante no desenvolvimento da iniciativa privada em Goiás. Parabéns pelos 70 anos de fundação! Vida longa e muitas outras vitórias em sua trajetória!”



VALDIR RIBEIRO, presidente da FCDL-GO

Parceria de sucesso – Comércio e Indústria

“A Facieg, que representa as Associações Comerciais do Estado de Goiás, tem a honra de enaltecer os feitos e as glórias desta grande Entidade, dos grandes líderes que escreveram e continuam a escrever esta bela história de sucesso da Indústria do Estado de Goiás. Parabéns!!!”



SEBASTIÃO VIEIRA SOBRINHO, presidente da Facieg – Federação das Associações Comerciais do Estado de Goiás

Trajatórias vitoriosas

“A Acieg, com seus 84 anos, tem o orgulho de ter em seus quadros históricos, na origem, os fundadores da Fieg, seus primeiros diretores e, dentro da entidade, as primeiras reuniões para sua fundação. Essa ligação umbilical sempre nos uniu e, na história de sete décadas, sempre esteve nas parcerias e apoios recíprocos quando uma entidade precisou da outra. Trajetórias vitoriosas, ricas em lideranças empresariais, duas entidades de histórias próprias e independentes. Orgulho maior de ver como nossa Fieg, hoje uma co-irmã, é grande, representativa, democrática, acolhedora, vencedora. Vida longa à nossa valiosa Fieg!”



RUBENS FILETI, presidente da Acieg



▶ Alunos em sala de aula do Novo Ensino Médio, que teve experiência piloto em Goiás



“Goiás é o Estado que mais oferta ensino médio na nova metodologia da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), atingindo 1.480 matrículas no ano passado”

Com um pé no futuro

O planejamento desenhado para 2021 e 2022 pelo Departamento Regional do Sesi e Senai prevê investimentos superiores a R\$ 25 milhões – 25% mais do que os R\$ 20 milhões aplicados em 2020 –, para dar continuidade à modernização do parque tecnológico das unidades das instituições em Goiás, abrangendo laboratórios e ambientes de ensino, em soluções digitais, na expansão da educação a distância, além de investimentos nos Institutos de Automação e Alimentos. É o que adianta à **Goiás Industrial** o superintendente do Sesi e diretor regional do Senai, **Paulo Vargas**, sobre projetos futuros definidos pelo presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais, **Sandro Mabel**. No ano passado, com recursos de um edital do Departamento Nacional, o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas, na Vila Canaã, em Goiânia, instalou um laboratório de biologia molecular, que deverá entrar em operação neste ano, integrando-se à rede nacional do sistema, conhecida como Rede Senai Biomol. Conforme Paulo Vargas, o objetivo é “**formar um ecossistema nacional de biologia molecular voltado para saúde e temáticas de bioeconomia**”. Num primeiro momento, em caráter emergencial, diante da pandemia descontrolada, o Biomol goiano vem realizando o diagnóstico molecular (RT-PCR) do Sars-CoV-2. Mas, no longo prazo, a proposta é “**apoiar a indústria no desenvolvimento de novas rotas tecnológicas, de produtos e processos relacionados à biotecnologia aplicada a diferentes setores industriais**”, afirma **Paulo Vargas**.

Lauro Veiga Filho
Fotos: Alex Malheiros

Goiás Industrial – Em sua avaliação, quais foram os principais projetos concretizados nos últimos anos pelo Sesi e pelo Senai? O que está planejado para 2021 e anos seguintes?

Paulo Vargas – Entre os projetos concretizados, relaciono a implantação do novo ensino médio no Sesi. A partir da reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017), o Departamento Nacional estruturou o Programa Senai Novo Ensino Médio, com o objetivo de atuar junto à rede de escolas do Sesi e outras escolas privadas e públicas, na oferta do Itinerário V, envolvendo formação técnica e profissional. O programa foi pensado com base na experiência

do Senai em cursos técnicos com perfil profissional, desenho curricular e recursos didáticos padronizados nacionalmente. Em 2018, Goiás fez parte da iniciativa piloto, com mais quatro Estados – Espírito Santo, Bahia, Ceará e Alagoas. Em 2020, ocorreu a formatura da turma piloto, com 31 alunos concluintes. No sistema Sesi, hoje Goiás é o Estado que mais oferta ensino médio na nova metodologia da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), atingindo 1.480 matrículas no ano passado. O Sesi Goiás oferta ensino médio nos eixos: educação profissional, matemática e ciências da natureza. Concluímos ainda a implantação do Centro ▶

Avançado da Enel Distribuição Goiás, na Faculdade Senai Ítalo Bologna, em Goiânia, e promovemos a instalação do polo avançado do Centro Integrado de Manufatura e Tecnologia (Senai Cimatic), unidade referência nas áreas de pesquisa aplicada e inovação, com sede em Salvador (BA). Essa parceria entre Senai Goiás e Senai Cimatic visa proporcionar o desenvolvimento de competências no Regional e desenvolver projetos para a indústria goiana. Nosso núcleo de moda, um dos setores estratégicos definidos pela Fieg, sediado na Faculdade Senai Ítalo Bologna, também na capital, realiza consultorias para as indústrias de moda e confecção da região. Para fortalecer o núcleo, foi firmado acordo de cooperação com o Senai Cetiqt, do Rio Janeiro, objetivando apoiar as indústrias do setor de moda e confecção em Goiás para serem mais competitivas e desenvolver competências para que se consolide aqui um polo avançado do Senai Cetiqt, referência em pesquisa e inovação nas áreas Têxtil e de Confecção.

Goiás Industrial – Quais outros avanços o sr. destacaria?

Paulo Vargas – Durante o processo de consolidação do Programa Indústria + Forte, ainda no ano passado, foram ofertadas mais de 20 mil matrículas gratuitas em qualificação profissional em EaD (educação a distância) para trabalhadores e jovens desempregados. No triênio 2019/2021, o Senai atualizou e modernizou as unidades, laboratórios e oficinas de todas as unidades da rede. Também em 2020, o Instituto Senai de Tecnologia em Alimentos e Bebidas participou e foi contemplado em um edital Senai para instalação de um laboratório de biologia molecular que irá compor a rede nacional do sistema, denominada Rede Senai Biomol, destinada a formar um ecossistema nacional de biologia molecular voltado para saúde e temáticas de bioeconomia. Em princípio, o foco é realizar emergencialmente o diagnóstico molecular (RT-PCR) do Sars-CoV-2, devendo, em longo prazo, apoiar a indústria no desenvolvimento de novas rotas tecnológicas, de produtos e processos relacionados à biotecnologia aplicada a diferentes setores industriais. O núcleo de Química foi inaugurado no ano passado, na Faculdade Senai Roberto Mange, em Anápolis. Esse laboratório é destinado a realizar análises de polimorfismo molecular em fármacos e minerais. Na área da construção civil, instalamos um núcleo dedicado ao setor na Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia, que oferece testes metrológicos para construtoras e incorporadoras, entregando análises de concreto, aço, artefatos, entre outros. Para 2021, está prevista uma expansão para avançar com soluções

“ Durante o processo de consolidação do Programa Indústria + Forte, ainda no ano passado, foram ofertadas mais de 20 mil matrículas gratuitas em qualificação profissional em EaD (educação a distância), para trabalhadores e jovens desempregados ”

de consultoria nessa área. Em mais um ponto de destaque, em 2020, investimos no Instituto Senai de Tecnologia (IST) em Alimentos e Bebidas para seu credenciamento junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), exigência para realização de ensaios compulsórios para as indústrias do segmento. A expectativa é de que, até julho de 2021, o IST tenha o primeiro laboratório de alimentos com escopo credenciado pelo Mapa em Goiás, tornando-se referência na área. Tivemos, além disso, a inauguração, na unidade Sesi de Itumbiara, em 2020, do centro

de reabilitação e fortalecimento muscular, para atender trabalhadores da indústria com o objetivo de contribuir para melhorar sua qualidade e vida.

Goiás Industrial – A busca por fontes sustentáveis de energia igualmente foi um dos setores contemplados pelos investimentos do sistema.

Paulo Vargas – Precisamente. A Escola Sesi Campinas, com um olhar atento às tecnologias e às necessidades de sustentabilidade ambiental, iniciou em 2019 a instalação de sua miniusina de energia fotovoltaica e do sistema de reuso da água de limpeza das piscinas. Vale destacar que o sistema de energia fotovoltaica, instalado com apoio do programa de eficiência energética da Enel, conta com 613 placas que estão produzindo aproximadamente 12.600 (kwh). A caixa de reuso economiza aproximadamente 5 mil litros por mês, destinando a água para limpeza nos pátios. Além de contribuir para o uso consciente dos recursos naturais, os sistemas de energia e decantação podem ser utilizados como exemplos em atividades práticas da escola envolvendo as áreas de ciências da natureza.

INVESTIMENTOS REALIZADOS

(Reforma e adaptações nas unidades do Sesi de Vila Canaã e Sesi Planalto, valores em R\$ milhões)

Ano	SESI	SENAI
2019	9,6	9,6
2020	5,8	10,8



Goiás Industrial – *É possível dimensionar os investimentos realizados no passado recente e em 2020? Qual o papel desempenhado pelo presidente Sandro Mabel na atração de recursos, investidos inicialmente em Catalão, num momento difícil para todo o setor em função da pandemia?*

Paulo Vargas – O ano de 2020 foi de conquistas em termos de investimentos estruturados em muitas unidades do Senai, entre elas, a Escola de Catalão e a Fatec Ítalo Bologna e, por intermédio do presidente Sandro Mabel, junto à Confederação Nacional da Indústria (CNI), a concessão de recursos para a modernização das nossas unidades educacionais especialmente do Senai, uma atuação decisiva, uma articulação determinante do presidente Sandro para fazermos investimentos na ordem de R\$ 25 milhões no ciclo 2020 e 2021. A partir de 2021 e 2022, nosso planejamento contempla intensos investimentos na área de tecnologia e do digital, a padronização e a modernização da infraestrutura de Sesi e Senai e de seus laboratórios, focados especialmente em novas tecnologias, soluções digitais, simuladores, games, robótica, sendo esses os principais focos de concentração de investimentos para os próximos anos. Para 2021, além dos investimentos iniciados em 2020, com recursos do Departamento Nacional, os Departamentos Regionais do Sesi e Senai planejaram investir em 2021 e 2022, mais de R\$ 25 milhões focados na modernização de nossos laboratórios, nas soluções digitais, na expansão da atuação em educação a distância, com estruturação de central de tutoria e monitoria, além dos investimentos projetados para os Institutos de Automação e Alimentos com foco no alcance no credenciamento junto ao Mapa e o início das operações do Biomol na oferta de exames laboratoriais da Covid-19. Esses são os focos de investimentos para 2021 e 2022 que gerarão impactos diferenciados nos produtos e serviços, permitindo que Sesi e Senai possam alavancar seus atendimentos à indústria e aos trabalhadores da indústria e à sociedade goiana de forma geral.

Goiás Industrial – *Como evoluíram a oferta de vagas, o número de matrículas e o total de alunos formados pelo Sesi/Senai, considerando a formação técnica e a educação convencional?*

Paulo Vargas – Em relação à oferta de matrículas, tanto no Sesi quanto no Senai, o nível de produção aluno-hora tem aumentado, o que significa dizer que nossos alunos têm feito e participado de programas de longa duração, o que demonstra que ao concluírem seu processo de ensino-aprendizagem esses alunos saem mais preparados, porque passaram mais tempo no seu processo de formação, permitindo fortalecimento do desenvolvimento de competências necessárias para a indústria. Em relação ao ciclo 2021, nós temos um planejamento que foi elaborado no final de 2020, que está em curso e que deve projetar um alcance de aproximadamente 100 mil matrículas de curta, média e longa

duração entre Sesi e Senai no exercício 2021, em que pese a pandemia, que é um fato real que estamos vivenciando, com impacto significativo nos programas na educação básica. A média de queda das matrículas na rede privada em todo Brasil gira entre 20% e 25%, e tanto o Sesi quanto o Senai não são entes isolados dessa realidade, desse mundo real, não são bolhas e também sofrem com o impacto disso. Dentro daquilo que nós projetamos, tanto na educação básica quanto na educação profissional, nós estamos girando dentro do que foi previsto no nosso volume de alunos matriculados. Uma modalidade ou outra pode ter uma queda de 5% a 10% e outras modalidades podem estar gerando compensação. O que de fato nesse momento trazemos à luz é que nós temos o ano inteiro para buscar e superar o desafio de matrículas previsto no orçamento no exercício de 2021. ■



“ **A expectativa é de que, até julho de 2021, o Instituto Senai de Tecnologia (IST) tenha o primeiro laboratório de alimentos com escopo credenciado pelo Mapa em Goiás, tornando-se referência na área** ”



► **FILA DA VACINA:** funcionários da Barão Alimentos participam de imunização antigripal, em campanha do Sesi

COMBATE ALEM DA VACINA



Fieg, Sesi, Senai e CNI correm contra o tempo para comprar vacinas e imunizar empregados do setor industrial, tornando-se grandes aliados do governo para tornar a vacinação mais célere

Renata Santos, Daniela Ribeiro, Tatiana Reis, Andelaide Lima e Luciana Amorim

Fotos: Alex Malheiros e Silvio Simões



► **Vacina contra H1N1:** Sandro Mabel e Jerry Alexandre, presidente da Barão Alimentos e diretor da Fieg, participam de abertura antecipada de campanha de imunização realizada pelo Sesi

Diante do agravamento dramático da pandemia, com o total de mortos em todo o País superando 300 mil desde a chegada do vírus no Brasil, há pouco mais de um ano, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) decidiu acelerar os esforços para conter o avanço do Sars-CoV-2 no Estado e também no restante do País, neste caso engajando-se em iniciativas nacionais em parceria com outras federações e também com a Confederação Nacional da Indústria (CNI). As ações mais recentes envolvem desde a busca de vacinas nos principais laboratórios do mundo, a intermediação, especialmente com a China, para favorecer a compra de imunizantes pelo governo estadual, uma ofensiva para acelerar a vacinação já em curso, até o lançamento da campanha “Respira Goiás”, para abastecer hospitais com cilindros de oxigênio e a distribuição de capacetes Elmo – um dispositivo de respiração assistida que reduz em 60% a necessidade de internação em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) – em um dos momentos mais críticos da crise sanitária.

O presidente da Fieg, Sandro Mabel, ►

mobilizou toda a estrutura da federação na campanha para aquisição de vacinas e aceleração da campanha de imunização em Goiás. No dia 25 de março, a iniciativa trouxe como primeiro resultado a identificação de importante fornecedor, o que levou o líder da indústria goiana, imediatamente, a encaminhar em mãos ofício ao secretário da Saúde, Ismael Alexandrino, detalhando proposta para aquisição de 5 milhões de doses da vacina Coronavac. A carga, conforme a Fieg, já estaria disponível na China para pronta-entrega e, em caso de interesse do governo estadual, poderia ser importada para imunizar a população goiana.

De acordo com **Sandro Mabel**, a federação não tem poupado esforços para buscar alternativas à escassez de vacinas no Brasil. Em um empenho para cooperar com o Programa Nacional de Imunização (PNI), a área internacional da Fieg, disse o presidente, referindo-se ao Centro Internacional de Negócios (CIN-Fieg), alçou pesquisa em todo o mundo, com foco nos grandes centros produtores de vacina, *“e encontramos disponibilidade de 5,0 milhões de doses pela empresa Fosun Pharma”*. Trata-se de uma empresa chinesa, de capital misto, com faturamento anual de US\$ 20 bilhões e representante de grandes indústrias farmacêuticas na Ásia. A Fosun Pharma oferece as vacinas Coronac, da farmacêutica Sinovac Biotech, e a vacina Ad5-nCoV, desenvolvida e produzida pela CanSino Biologics, já registrada na China.

Para conclusão da compra, seria necessário que o governo estadual enviasse carta de intenção de compra à diretoria executiva da Fosun Pharma. *“Neste momento em que o País ultrapassa 300 mil mortos em função dessa doença, sabemos que a vacinação em massa da população é o único caminho para frear esta terrível estatística. Por isso, insistimos na necessidade de adquirirmos vacinas. Só assim vamos*



retornar a uma saudável prosperidade”, afirmou **Sandro Mabel**.

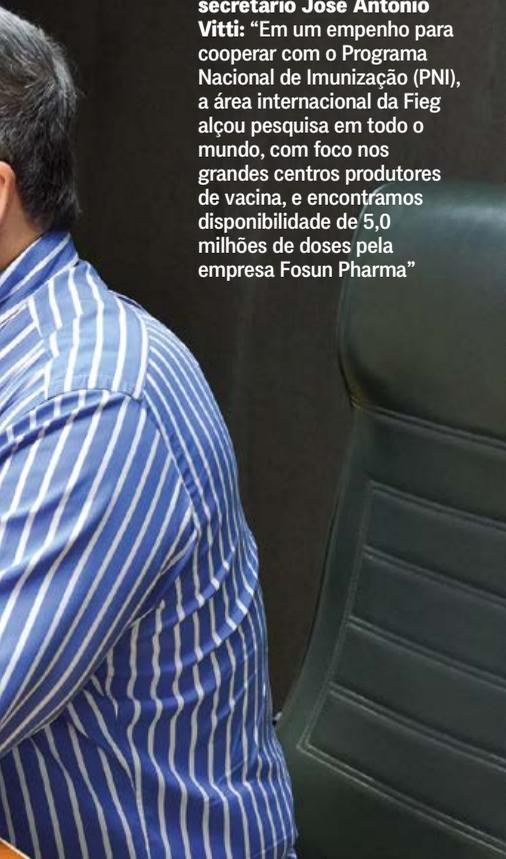
Na sequência, Alexandrino providenciou o envio de ofício à Fosun International Limitd, com sede em Shanghai, na China, formalizando o interesse na compra urgente, ainda neste ano, de 2 milhões de doses de vacinas contra o Sars-CoV-2. O secretário goiano ressalta, no documento, a “situação de epidemia mundial”, o cenário atual no mercado de imunizantes e a expectativa de *“obter ajuda de seu país e cooperação mútua o mais rápido possível”*. O documento pede ainda que a empresa detalhe os custos por unidade de vacina, os volumes disponíveis e o tempo estimado para envio da carga, como forma de dar continuidade à negociação.

Sandro Mabel lembra que, nos esforços realizados para suprir a escassez de vacinas no Brasil, em cooperação com o

PNI, o Centro Internacional de Negócios (CIN-Fieg) vinha realizando, desde o final do ano passado, um amplo levantamento de mercado em todo o globo, “com foco nos grandes centros produtores de vacina”, para rastrear fontes de suprimento disponíveis. *“E encontramos disponibilidade”*, destaca. *“Agora, estamos confiantes de que as negociações, por meio do governo estadual, vão avançar e teremos vacina para todos os goianos”*, ressalta ainda. A Fieg entende que a vacinação em massa é o único caminho para a preservação de vidas e para a retomada da economia.

Em outra frente, a Fieg negocia a compra de 300 mil doses de vacina para Goiás, por meio de consórcio com federações das indústrias dos Estados de Minas Gerais, Santa Catarina, do Ceará e Espírito Santo. O consórcio formado pelas federações estaduais do setor prevê a aquisição de

► **Sandro Mabel, ao lado do secretário José Antônio Vitti:** “Em um empenho para cooperar com o Programa Nacional de Imunização (PNI), a área internacional da Fieg alçou pesquisa em todo o mundo, com foco nos grandes centros produtores de vacina, e encontramos disponibilidade de 5,0 milhões de doses pela empresa Fosun Pharma”



► **Ismael Alexandrino:** secretário busca 2,0 milhões de doses de fornecedor chinês e apela para cooperação mútua “o mais rápido possível”

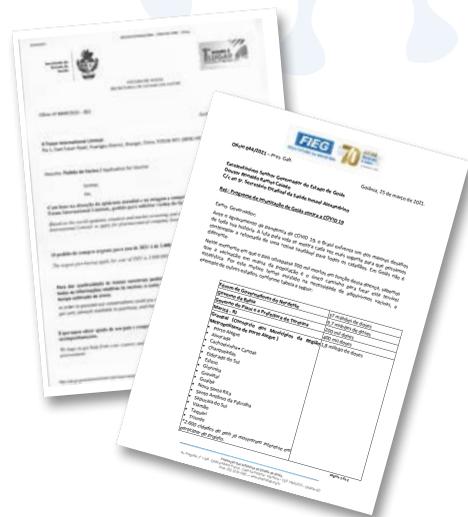
3,5 milhões a 5 milhões de doses da vacina contra o novo coronavírus. “*Estamos engajados em salvar vidas e empregos. E a solução é só uma: vacina*”, reforça o presidente.

“*A Fieg contribui há 70 anos com o desenvolvimento de Goiás. São sete décadas fazendo o bem para nosso Estado. Nessa pandemia, o setor industrial mostra mais uma vez sua força e união, mantendo as atividades essenciais para abastecimento da população e sistematizando ações para combate ao coronavírus, seja por meio da doação de mais de 200 toneladas de alimentos e itens de higiene e limpeza para pessoas do grupo de risco e em situação de vulnerabilidade social, seja por meio da compra de imunizantes para o Estado*”, declara ainda **Sandro Mabel**.

Desde meados de março, o presidente da Fieg vinha intensificando as críticas



ao governo do Estado, reforçando que as ações vinham se limitando à adoção de decretos com restrições a atividades variadas. Ele já cobrava a necessidade urgente de destinar os recursos do orçamento estadual para adquirir vacinas para a população. “*O que precisamos é que o governador Ronaldo Caiado se movimente para comprar vaci-*



► **Registro oficial:** presidente da Fieg (*dir.*) entrega ofício com oferta de vacinas ao secretário estadual da Saúde, que enviou correspondência à Fosun International Limitd, em Shanghai, na China, formalizando o interesse na compra em caráter de urgência

nas, a exemplo de outros governadores e até prefeitos, como o de Rio Verde. Agora as pessoas estão morrendo pelo vírus. Daqui a pouco, além do vírus, as pessoas vão morrer de fome. Só a vacinação em massa pode nos salvar do caos. Precisamos urgente de vacinas”, enfatiza.

O líder empresarial lembrava, então, que uma parcela ínfima da população havia sido vacinada até o momento, situação que prevalece ainda agora. A aceleração na imunização contribuiria para conter o avanço dos contágios e das mortes, além reduzir os riscos do surgimento de novas variantes, mais letais, como a temida P1, que aterrorizou Manaus e passou a ser dominante no restante do País por sua capacidade de contaminação e ainda pelo risco de escapar da “imunidade” conferida pelas vacinas existentes para combater a Covid-19.

Imunização acelerada

Diante da lotação dos hospitais por conta da pandemia do coronavírus, a Fieg, por meio do Sesi, antecipou o período de vacinação contra a gripe H1N1 para o dia 22 de março. Sandro Mabel, participou da abertura oficial da campanha de imunização na Barão Alimentos, em Aparecida de Goiânia. Mais de 150 trabalhadores foram vacinados no primeiro dia de ação. Este ano, a previsão é de imunizar, até o mês de junho, 150 mil trabalhadores e dependentes de mais de 500 indústrias.

Para as empresas, a adesão é uma forma de investir na promoção da saúde dos colaboradores e de garantir um ambiente de trabalho saudável e produtivo. Além disso, os sintomas da Covid-19 são semelhantes ao da gripe. Imunizada contra a gripe, o diagnóstico de Covid-19 é mais rápido e a população deixa de lotar o sistema de saúde sem necessidade. A vacina disponibilizada é a quadrivalente – uma única dose contra a Influenza A e B, seguindo recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Mabel lembrou que Goiás é o primeiro Estado a iniciar a campanha de vacinação contra a Gripe H1N1. “Antecipamos em quase um mês para garantir que os

QUEM JÁ COMPROU

▪ Fórum de Governadores do Nordeste	37 milhões de doses
▪ Governo da Bahia	9,7 milhões de doses
▪ Governo do Piauí e Prefeitura de Teresina	200 mil doses
▪ Maricá (RJ)	400 mil doses
▪ Granpal (Consórcio dos Municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre)	1,8 milhão de doses (envolvendo as prefeituras de Porto Alegre, Alvorada, Cachoeirinha, Canoas, Charqueadas, Eldorado do Sul, Esteio, Glorinha, Gravataí, Guaíba, Nova Santa Rita, Santo Antônio da Patrulha, Sapucaia do Sul, Viamão, Taquari e Triunfo)

(*) **2.600 cidades do País** já mostraram interesse em participar do projeto. Também efetuaram compras os municípios de Aparecida de Goiânia, Betim e Belo Horizonte.



profissionais da indústria tenham mais proteção, não corram o risco de ter uma gripe ou um resfriado, acabarem lotando os postos de saúde e ainda se contaminando com a Covid-19”, disse. De acordo com o presidente da Fieg, quanto mais rápido a população estiver vacinada contra a Gripe H1N1 e a Covid, melhor será para o Brasil e para a economia. “Queremos ajudar as indústrias, a população e o País na sua retomada.”

O presidente da Barão Alimentos, Jerry Alexandre, avalia que a produtividade da indústria cresceu desde que a campanha começou a ser realizada na empresa. “Há vários anos, vacinamos com o Sesi e o índice de pessoas com gripe tem sido cada vez mais baixo. Enquanto isso, os números de afastamento também reduziram”, sublinhou. O gerente de Saúde e Segurança do Sesi, Bruno Godinho, lembrou que a instituição está preparada para vacinar os trabalhadores da indústria. “Temos atuar, dentro das indústrias, seguindo todos os protocolos de segurança contra a Covid-19”, explicou.



▶ **Campanha antecipada:** até junho, 150 mil trabalhadores e dependentes de mais de 500 indústrias deverão ser imunizados contra a gripe H1N1

REFERÊNCIA

Há 11 anos, o Sesi é referência em campanhas de vacinação em todo o País. Só em Goiás, cerca de 70 mil pessoas são imunizadas anualmente contra a Gripe H1N1. A iniciativa complementa a campanha realizada anualmente pelo governo federal, que imuniza grupos de maior risco, como crianças, gestantes, profissionais de saúde, idosos e doentes crônicos.



► **Sandro Mabel** apresenta resultados da primeira etapa da campanha **Respira Goiás**, ao lado de diretores da Fieg, do Senai e da EBO Oxigênio

explicou que a campanha também vai ajudar a desafogar o atendimento nos hospitais. “Os leitos estão cheios e muitas vezes o paciente não consegue ser atendido no hospital, mas o médico pode passar uma prescrição para uso domiciliar do oxigênio medicinal. Não falta oxigênio no mercado, o que não tem são cilindros. A demanda da saúde aumentou muito e a produção desses equipamentos

não conseguiu acompanhar”.

O diretor da Escola Senai Vila Canaã, Claiton Vieira, disse que a campanha vai ampliar o estoque dos cilindros nos hospitais. “O objetivo é suprir a demanda e garantir mais segurança aos pacientes”. **As empresas interessadas em aderir à campanha podem entrar em contato com a Fieg pelos números: 0800 642 1313 ou 4002-6213.**

RESPIRA GOIÁS

Fieg e Senai arrecadam 137 cilindros de oxigênio

Menos de um mês após o lançamento da campanha Respira Goiás, em meio ao crescimento dos casos graves de Covid-19 e à escassez de insumos hospitalares para tratamento dos pacientes, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e o Senai apresentaram quinta-feira (15/04) o primeiro resultado da iniciativa. Ao todo, a mobilização de indústrias goianas conseguiu reunir, por meio de cessão em regime de comodato, 137 cilindros de oxigênio, entregues pelo presidente da Fieg e do Conselho Regional do Senai, **Sandro Mabel**, na Escola Senai Vila Canaã, em Goiânia. Os equipamentos foram repassados para uma das empresas parceira da campanha – a EBO Oxigênio, distribuidora de gases especiais, que vai disponibilizar o produto no mercado para abastecer os hospitais e para quem precisa fazer o tratamento em casa com oxigênio medicinal.

“Esse foi o primeiro lote de cilindros que arrecadamos junto às indústrias e nas unidades do Senai. A campanha vai continuar porque

queremos disponibilizar a maior quantidade possível desses equipamentos para ajudar a salvar vidas. A Fieg se antecipou para que os hospitais não fiquem desabastecidos de oxigênio por falta de cilindros, principalmente nas cidades do interior do Estado. Cada cilindro desse pode ajudar no tratamento de até três pessoas. Vamos continuar mobilizando as indústrias para que emprestem seus cilindros de oxigênio neste momento crítico da pandemia”, disse **Sandro Mabel**.

Para o diretor regional do Senai, Paulo Vargas, a campanha Respira Goiás reforça as ações de combate à Covid-19 realizadas pela instituição desde o início da pandemia, a exemplo da manutenção de ventiladores pulmonares e da confecção de máscaras. “É mais uma causa nobre que a Fieg e o Senai abraçaram com o propósito de salvar vidas. Estamos gratos em poder participar de mais um projeto importante.”

Diretor da EBO Oxigênio, Bruno Halisson,

► **“Respira Goiás”**: campanha mobiliza indústrias goianas a abastecer hospitais com cilindros de oxigênio

Proposta para reforçar PNI

Paralelamente às articulações conduzidas pela presidência da Fieg na luta para ampliar e acelerar a imunização dos cidadãos goianos, **Sandro Mabel** desempenhou papel central na aprovação do projeto de lei que permite participação direta do setor privado na aquisição de imunizantes. Como resultado, no dia 6 de abril, a Câmara dos Deputados aprovou substitutivo da relatora, Celina Leão (PP-DF), com alterações no Projeto de Lei 948/21, do deputado Hildo Rocha (MDB-MA), que autoriza a compra de vacinas pelas empresas para a imunização gratuita de seus empregados, sócios e prestadores de serviços, desde que a companhia repasse metade das vacinas à rede pública de saúde. O projeto, que ainda seria analisado pelo Senado, mantém a possibilidade de destinação de todas as vacinas adquiridas por empresas privadas para o Sistema Único de Saúde (SUS).

Aquelas companhias, ainda conforme o projeto, poderão contratar estabelecimentos de saúde que tenham autorização para importar vacinas para realizarem a compra, entre eles, laboratórios, hospitais e farmácias. A proposta abre a possibilidade, ainda, de aquisição de imunizantes ainda não autorizados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), mas já devidamente autorizados ou registrados por autoridades estrangeiras da área de saúde reconhecidas e certificadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Ainda assim, ao realizar a vacinação interna, as empresas deverão obedecer aos critérios e prioridades definidos pelo Plano Nacional de Imunização (PNI).

Para **Sandro Mabel**, a aprovação do projeto foi uma grande conquista, mas precisa ser modificada no Senado por conta da obrigatoriedade, mantida na última hora, de destinação de 50% das vacinas ao SUS. “Alcançamos uma grande vitória e

agora vamos trabalhar para retirar a obrigação da doação ao SUS, mesmo porque cada vacina comprada pelas empresas já é doação ao sistema, uma vez que reduz o universo a ser imunizado”, sublinhou. Ele agradeceu a cada um dos deputados goianos que votou a favor da aquisição de vacinas contra Covid-19 pelo setor privado.

Ainda em 23 de março, **Sandro Mabel** esteve no gabinete do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), e havia entregue ofício solicitando alteração da Lei nº 14.125/2021 para permitir a compra de vacinas pela iniciativa privada, com direito de imunizar exclusivamente seus funcionários e familiares. Em seu artigo primeiro, aquela lei autorizou União, Estados e municípios a adquirir a vacina e a “assumir os riscos referentes à responsabilidade civil, nos termos do instrumento de aquisição ou fornecimento de vacinas celebrado, em relação a eventos adversos pós-vacinação, desde que a Anvisa tenha concedido o respectivo registro ou autorização temporária de uso emergencial”. O artigo segundo da lei, publicada no dia 10 de março, abriu a possibilidade de compra de imunizantes já referendados pela Anvisa por empresas

privadas, desde que as vacinas “sejam integralmente doadas ao SUS, a fim de serem utilizadas no âmbito do PNI”.

No ofício, assinado também pelo presidente da Fecomércio, Marcelo Baiocchi, **Sandro Mabel** ressaltava o grave momento da pandemia causada pelo coronavírus, com novas cepas altamente contagiosas e letais, e argumentava que o objetivo não era “atropelar o sistema ou a burocracia, mas de mútua colaboração do setor privado com o poder público ao Plano de Imunização”. Segundo ele, no ritmo atual da vacinação, o Brasil vai demorar muito para sair dessa crise e não há outra solução que não seja a vacinação de toda a população.

Em reforço à proposta de alteração da lei, **Sandro Mabel** conversou por telefone com o Pacheco no dia 29 e assinalou que o País já havia assegurado 560 milhões de doses de vacinas, suficientes para imunização da população vacinável. Agora, segundo o presidente da Fieg, uma lei que permita aos empresários comprar vacinas para imunizar seus colaboradores irá acelerar a imunização em massa, sem prejudicar o PNI.

A MUDANÇA SUGERIDA

- **“O Art. 2º da Lei nº 14.125/2021** passa a vigorar com a seguinte redação:
- **“Art. 2º** Pessoas jurídicas de direito privado poderão adquirir diretamente, seja no mercado interno brasileiro ou via importação, vacinas contra a Covid-19 que tenham autorização temporária para uso emergencial, autorização excepcional e temporária para importação e distribuição ou registro sanitário concedidos pela Anvisa, destinadas a atender especificamente os empregados, dependentes e prestadores terceirizados vinculados à atividade empresarial.
- **Parágrafo único.** A aquisição de vacinas de que trata o caput deste artigo só terá validade com a aquiescência, por escrito, do sindicato laboral que representa a categoria de empregados, que também deverá acompanhar desde o pedido de compra, distribuição e o ato vacinal.”



“VACINA, JÁ”

Ao mesmo tempo em que buscava caminhos para destravar a vacinação, a Fieg lançou também a campanha “**Vacina, Já**”, incluindo a veiculação de material em defesa da imunização nas redes sociais da entidade. “*Trata-se de uma manifestação de apoio da Fieg ao esforço de imunização como única forma de barrar o avanço da pandemia em Goiás e no Brasil. A única saída que temos para vencer a Covid-19 é a vacinação em massa da nossa população*”, enfatizou o líder empresarial, que cobra celeridade da imunização para salvar vidas e garantir a retomada segura da economia.

Sandro Mabel disse que a Fieg está engajada na busca de alternativas para que a vacinação em massa ocorra na maior brevidade de tempo. “*Já nos colocamos à disposição do governo de Goiás e vamos seguir pressionando as autoridades para que a imunização seja destravada o mais rápido possível. É esse o apelo dos empresários e entidades empresariais goianas neste momento de muito desalento, perda de vidas e crise econômica: vacina, já*”, destacou.

Divulgação/Prefeitura de Goiânia



► **Vacina em Goiânia:** imunização é o caminho único para preservar vidas e assegurar volta do crescimento na economia

Sesi e Senai na linha de frente

Entre as inúmeras ações desenvolvidas, o Sesi e o Senai adiantaram contribuições desde o início da crise sanitária. Em janeiro deste ano, as entidades se apressaram em ações como a compra de novos freezers para armazenamento de vacinas e capacetes que auxiliam na recuperação pulmonar. A preparação para a chegada do imunizante ocorreu, o que não ocorreu, enquanto instalava-se em todo o País uma situação de calamidade provocada pela falta de UTIs e de leitos nos hospitais públicos e privados.

O ano passado foi marcado por serviços que continuam em 2021 como testagens em chão de fábrica e em unidades do Sesi e Senai, teleatendimento, atendimentos médicos, de suporte na implantação de protocolos de saúde e serviços como “um radar” para checar se determinada indústria adotou medidas eficientes para diminuir o risco de contaminação de Covid-19. Outras ações de destaque foram o conserto de respiradores para hospitais diversos da capital e do interior e a continuidade do Fieg Solidária. Ao arrecadar toneladas de alimentos, produtos de limpeza e de higiene, o projeto de responsabilidade social da indústria beneficiou trabalhadores do setor e vários segmentos da sociedade que vivem essa tragédia anunciada há mais de um ano.

Bruno Godinho, gerente de Saúde do Sesi, lembra que desde o início da crise sanitária o Sistema S se posicionou para enfrentar os problemas gerados pela pandemia e, ao mesmo tempo, garantir a manutenção dos processos produtivos. “Com os atendimentos médicos, afastamentos temporários, distanciamentos e protocolos cumpridos, o trabalhador voltou para seu local de trabalho sem medo. O ambiente da fábrica tornou-se mais seguro do que ficar em casa e correr risco de contaminação, de aglomerar mais por conta do excesso de tempo livre”, observa.

A LEI SOB JULGAMENTO

No final de março, ao analisar a Lei 14.125, aprovada pelo Congresso em fevereiro deste ano e em vigor desde o começo de março, a Justiça Federal em Brasília decidiu pela inconstitucionalidade da doação obrigatória ao SUS de todas as vacinas compradas pela iniciativa privada até que todos os grupos considerados prioritários tenham sido vacinados. O juiz substituto da 21ª Vara Federal de Brasília, Rolando Spanholo, que tomou a decisão, ainda sujeita a recursos e revisão, acatou os argumentos apresentados pelo Sindicato dos Delegados de Polícia de São Paulo, segundo os quais a imposição viola o direito fundamental à saúde ao retardar a vacinação.

Na decisão, Spanholo autorizou o sindicato a adquirir a vacina, mas acrescentou que a entidade terá de responder por todos os riscos envolvidos no processo de compra, ficando proibida de revender os imunizantes no País.



Ele diz que o Sesi se antecipou diante do problema da falta de UTI e agiu preventivamente com a compra de mais de 100 capacetes de respiração e outra centena, em parceria com o Ministério Público, destinados a cidades do interior goiano. A ideia foi agir antes do colapso verificado nas capitais e cidades menores sem leitos de UTI, já que esse equipamento auxilia contaminados pela Covid-19 cuja capacidade pulmonar já estivesse comprometida.

Os dois freezers novos foram adquiridos para que o Sesi pudesse contribuir da melhor forma com o plano nacional de vacinação e possibilitar um acesso facilitado ao ciclo produtivo. “Se a vacina que recebermos for da Pfizer, por exemplo, que precisa ser condicionada em temperaturas baixíssimas, estamos preparados com um equipamento que refrigera até 85 graus negativos e com capacidade de 125 mil doses de vacinas. Até o momento, apesar do contato do Sesi com laboratórios produtores da vacina, nada de concreto pôde ser formalizado com relação à compra de vacinas, por conta da legislação que normatiza a vacinação no Brasil.



► **Bruno Godinho:** Sesi antecipa-se à falta de leitos de UTI e distribui preventivamente 50 capacetes

“Um problema político”

A tragédia enfrentada no País pela contaminação em massa e aumento do número de óbitos em decorrência da Covid-19 poderia ser evitada se laboratórios nacionais pudessem produzir e/ou comercializar a vacina, a exemplo de países como Israel. A afirmação é de Marcelo Reis Perillo, presidente do Sindicato de Indústrias Farmacêuticas do Estado de Goiás (Sindifargo). “A regulamentação tem evoluído muito lentamente e está atrapalhando a iniciativa privada a dar sua contribuição para imunização da sociedade. Só poderemos comprar vacinas da Covid-19, como fazemos com a H1N1, se as leis existentes forem mudadas. Esse problema já se tornou político, numa si-



► **Marcelo Reis Perillo:** “Só poderemos comprar vacinas da Covid-19, como fazemos com a H1N1, se as leis existentes forem mudadas. Esse problema já se tornou político”

tuação em que o maior prejudicado é a população”, opina.

Segundo ele, haveria excesso de burocratização na aprovação dos lotes de vacinas pela Anvisa, retardando o processo de imunização. “Todas as vacinas disponíveis no mundo são confiáveis, qualquer marca oferece margem grande de segurança. Se a velocidade do processo de aprovação final das vacinas continuar como está, vejo o Brasil sem saída nessa e em outras ondas que virão”, destaca. A partir de agora, prossegue ele, “devemos focar naquilo que a iniciativa privada dá conta de fazer nos próximos dias e meses, no que precisa ser feito de regulamentação para tornar possível para que se possa contribuir para que toda a população seja imunizada até setembro”.

Perillo argumenta ainda que “a sensação é de que já existe vacina disponível e que nós precisamos disponibilizar a vinda dessa vacina para cá. Muitos querem contribuir e estão impedidos por essa legislação que precisa evoluir e dar segurança jurídica para aqueles dispostos a ajudar na compra das vacinas”. Se houver possibilidade, “vamos entrar na guerra e mostrar que podemos sim ajudar e fazer uma situação diferente da vivida até agora e imunizar toda a população até setembro”, sustenta ele.

A decisão governamental publicada em fevereiro, de não ser mais obrigatório que desenvolvedoras estejam com testes clínicos da vacina na fase 3 para receberem liberação provisória da Anvisa, foi um passo importante, mas não o bastante, continua Perillo. A alteração facilitou o caminho para a aprovação da vacina russa Sputnik V e da indiana Covaxin. Até aqui, apenas a Pfizer BioNTech detém a aprovação final no País. No início de março, o governo anunciou a compra de estoques das vacinas da Pfizer BioNTech e Janssen-Cilag, braço farmacêutico do grupo Johnson & Johnson. As vacinas CoronaVac e Oxford AstraZeneca têm autorização



► **Gisele Badauy, do Instituto Qualitec:** “Falta muito para que a produção de vacinas pela indústria privada seja uma realidade brasileira”

renomados mundialmente na produção de imunizantes. Já o mercado privado tradicionalmente é um grande fabricante de produtos sintéticos, especialmente de medicamentos genéricos. Na área de produtos farmacêuticos biológicos, no entanto, categoria que inclui

de uso emergencial, que é temporária e restrita a grupos prioritários.

A Pfizer recebeu o registro definitivo da Anvisa e pode ser uma opção de comercialização para clínicas particulares em breve. Por enquanto, a rede privada não tem acesso a vacinas contra o coronavírus porque as prioridades dos laboratórios são a negociação e a distribuição para órgãos governamentais. No Brasil, a prioridade do governo são os grupos de maior risco como idosos e funcionários da saúde.

Faltam investimentos e infraestrutura

O Brasil é conhecido como um fabricante importante de vacinas, embora a indústria farmacêutica tenha perdido espaço nos últimos anos, ampliando a dependência a insumos e matérias-primas importados. Ainda assim, a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Butantan são

as vacinas, ainda são necessários investimentos relevantes em tecnologia e em processos.

No Brasil, as empresas União Química e Eurofarma possuem “plantas biológicas”, estrutura necessária e adequada à normativa federal 301-19 da Anvisa, para produzir vacinas. A União Química, cuja unidade adaptada situa-se em São Paulo, já começou a produzir a vacina Sputnik, da Rússia, a partir dos insumos que receberá daquele país. A unidade Bio-Manguinhos, da Fiocruz no Rio de Janeiro, também produz vacinas em larga escala para o governo federal, o que poderá dinamizar a imunização, ainda muito lenta em todo o território nacional.

A farmacêutica Gisele Badauy, diretora do Instituto Qualitec e consultora de indústrias farmacêuticas, explica que no Brasil faltam investimentos em pesquisa e infraestrutura atrelada à produção biológica ao longo de toda a cadeia produtiva. Segundo ela, por mais que se formem e ►

se adequem outras plantas industriais privadas dentro das normativas exigidas, ainda “falta muito para que a produção de vacinas pela indústria privada seja uma realidade brasileira”.

Entre as exigências da RDC 301-19, uma das mais importantes normas é a adaptação das instalações com normas rigorosas de controle dos ambientes destinados à pesquisa e à manipulação de insumos farmacêuticos. Além disso, a norma reforça a segurança e o controle da cadeia de medicamentos (linha de produção e coleta de dados). Isso porque o controle e normativas aumentam a eficiência de processos, que passam a ser automatizados,

o que dificulta roubos e falsificação de lotes de medicamentos.

A questão dos insumos, matéria-prima necessária para produzir medicamentos e vacinas, também é outro problema enfrentado pela indústria farmacêutica e laboratórios, por exemplo. Tanto as vacinas CoronaVac e Oxford, aprovadas pela Anvisa e usadas na imunização brasileira, embora estejam sendo fabricadas no Brasil, respectivamente pelo Butantan e pela Fiocruz, dependem de insumos que vêm de laboratórios da Índia e da China. “Aliás, esse é o grande gargalo do Brasil não apenas na produção de vacinas mas de outros medicamentos também, pois

não temos cultivo de plantas fabricantes de insumos farmacêuticos ativos (IFA). Atualmente, os grandes fabricantes de IFAs no mundo estão localizados na China e na Índia”, acrescenta a farmacêutica.

Em suas viagens para a Índia, em consultorias a indústrias e laboratórios daquele país, Gisele observou que, além da estrutura física e pessoal especializado, o sucesso na produção de insumos para o mercado mundial deve-se à política adotada de industrialização, que tem como pilares o investimento no desenvolvimento tecnológico associado à oferta de mão de obra “barata”. ■

VACINAS SEGURAS CONTRA O CORONAVÍRUS

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sinovac/Butantã (CoronaVac) 	De origem chinesa, é feita com o vírus inativado, em duas doses, via intramuscular, com intervalo de 21/30 dias. Eficácia em torno de 50%.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Oxford/AstraZeneca/Fiocruz 	A vacina produzida pela universidade inglesa do Reino Unido usa a tecnologia de vetor viral não replicante (um vírus vivo modificado que não consegue se reproduzir e pode gerar resposta imune sem causar o surgimento da doença no paciente que recebe a vacina). Aplicada em duas doses, via intramuscular, com intervalo de 30/90 dias, sua eficácia é de 84%.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pfizer/BioNTech 	Utiliza a tecnologia de mRNA, conhecido também como RNA mensageiro (imitador). Por meio de engenharia genética, o RNA do vírus é reproduzido, o que gera uma resposta imunológica. Aplicada em duas doses, tem eficácia de 95% e precisa ser armazenada entre 25 e 70 graus negativos.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Moderna 	Também utiliza o RNA mensageiro, que imita uma parte do coronavírus, para gerar a resposta imunológica. Também necessita aplicação em duas doses e tem eficácia de 94%. Necessita de armazenamento especial como a Pfizer, que refrigera a -20 graus C.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sputnik V 	Vacina russa que utiliza tecnologia com vetor viral semelhante à da vacina Oxford e administrada em duas doses. Estudos apontam eficácia de 91%.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Johnson & Johnson 	Vacina também utiliza tecnologia de vetor viral e se diferencia por ser dose única e não precisar de refrigeração a baixas temperaturas, o que otimiza as aplicações e facilita o transporte). Sua eficácia varia de 57% a 72%.





▶ Na Casa da Indústria, funcionários e voluntários fazem a entrega de produtos alimentícios em sistema drive-thru seguindo protocolos de saúde em meio à pandemia

Drive-thru da Fieg + Solidária

Mesmo diante do agravamento da pandemia e de medidas sanitárias, a Fieg + Solidária mantém distribuição de alimentos a pessoas carentes, obedecendo protocolos de segurança

Dehovan Lima e Luciana Amorim
Fotos: Alex Malheiros

Em meio às restrições impostas por novos decretos governamentais, diante do agravamento da pandemia, a Fieg + Solidária buscou reinventar sua atuação neste início de ano. As costureiras segundas-feiras de doações de cestas de alimentos e outros produtos na Casa da Indústria foram substituídas por distribuição no sistema drive-thru, em que a entrega se dá diretamente dentro de

carros a representantes de instituições filantrópicas previamente cadastradas.

Nos últimos dias de março e início de abril, fase mais crítica da pandemia, a presidente da Fieg + Solidária, Raquel Ribeiro, e a coordenadora de distribuição, Luciana Machado, realizaram entregas de cestas de alimentos às instituições filantrópicas Solar Colombino Augusto de Bar-





Raquel Ribeiro, presidente da Fieg + Solidária, ao lado dos presidentes da Fieg, Sandro Mabel e da Aesfieg, Cláudio Cavalcante, e de representante do Lar Espírita Francisca de Lima:
 “A necessidade de ajudar pede urgência. Estamos vivendo um luto generalizado, famílias devastadas pela dor, com a perda de entes queridos pela pandemia e pela fome”

e Senai, responsáveis pela coleta de alimentos para serem distribuídos a famílias em situação de vulnerabilidade social. Desde o início da pandemia, o projeto de responsabilidade social já entregou mais de 200 toneladas de alimentos e itens de higiene e limpeza a 228 entidades assistenciais.

ros, Casa de Auxílio Chico Xavier, Centro Espírita Chico Xavier, ONG Olhando para o Próximo (ONG OPP), Casa de Polyana – Núcleo Assistencial Espírita, Casa de Davi, Comunidade Terapêutica – Projeto Galileu e Ministério Filantrópico Terra Fértil.

A voluntária Francislene de Souza Camarotto, da Casa de Polyana, agradeceu as doações recebidas e explicou que os alimentos serão destinados a famílias que moram na região do Parque Amazônia e Parque Anhanguera, em Goiânia. Segundo ela, “o alimento tem sido um consolo, neste momento dramático, com muitas famílias enlutadas”, em consequência da pandemia da Covid-19.

Com apenas um dia após sair da UTI, o voluntário Wildon da Silva Lima, da Comunidade Terapêutica Projeto Galileu, em Trindade, buscou as doações e falou sobre o sentimento de gratidão pela vida. “Deus me deu essa oportunidade de estar servindo. E enquanto eu estava na UTI, falei para Deus que eu quero ser instrumento sempre da sua mão. E hoje estou aqui buscando os

alimentos para o projeto tão necessitado de alimentos”, comemorou.

A missionário e diretora técnica do Ministério Filantrópico Terra Fértil, Rubia Barbosa, destacou a parceria com a Fieg + Solidária. “Desde o início da pandemia, o projeto Fieg + Solidária está muito presente conosco, de mãos dadas com a Ministério Terra Fértil, com doações de cestas básicas, de alimentos que têm servido de assistência para famílias que nós atendemos. Nós sabemos que este momento de pandemia é muito delicado e o sentimento que temos é de gratidão. Nós agradecemos aos empresários que doaram, porque estão fazendo a diferença na vida de centenas de crianças e famílias do Ministério Filantrópico Terra Fértil”, ressaltou.

A necessidade pede urgência

As doações são fruto de esforços de empresários, sindicatos, mineradoras e comunidade, por meio das unidades do Sesi

O balanço foi apresentado pela presidente da Fieg + Solidária, Raquel Ribeiro, ao participar de reunião do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI) da Fieg, no final de março. “A necessidade de ajudar pede urgência. Estamos vivendo um luto generalizado, famílias devastadas pela dor, com a perda de entes queridos pela pandemia e pela fome. Se tem um recado que a pandemia deixa é que somos todos iguais. Nessa ‘guerra’, queremos levar conforto e esperança. Para isso, contamos com a essencial ajuda dos industriais goianos”, afirmou Raquel, ao reconhecer o engajamento do presidente do CDTI/Fieg, Heribaldo Egídio, na campanha. Na última semana, ele doou ao projeto 500 quilos de alimentos.

O presidente da Fieg, Sandro Mabel, também destacou o esforço da entidade no aparelhamento de hospitais e unidades de saúde, inclusive com a cessão em comodato de quase uma centena de capacetes Elmo, equipamento que evita a intubação do paciente em até 70% dos casos. Paralelamente, a federação também mobiliza empresas e

indústrias goianas para arrecadação de cilindros de oxigênio, por meio da campanha Respira Goiás.

ALMOFADAS DE CORAÇÃO

Em outra ação de responsabilidade social, a presidente da Fieg + Solidária, Raquel Ribeiro, entregou 500 kits de “almofadas de coração” ao projeto Ensinando a Abraçar, que ampara mulheres em tratamento de câncer de mama, dentre outras atividades. No formato de um coração, as peças, confeccionadas pela Faculdade Senai Ítalo Bologna, em Goiânia, ajudam as mulheres ao proporcionar-lhes conforto e amenizar a dor por sua característica anatômica, que permite fácil encaixe no corpo, segundo explica o diretor da unidade, Dario Queija.

Raquel Ribeiro realizou a entrega dos kits à primeira-dama de Goiânia, Thelma Cruz, que é voluntária da ONG Ensinando a Abraçar. “Nós tivemos a oportunidade de conhecer os projetos sociais dos quais a primeira-dama participa. Para nós, é uma honra poder ajudar e destinar os kits de

almofadas pra uma instituição séria, comprometida com o voluntariado”, destacou Raquel Ribeiro.

O Senai, por meio de suas unidades de ensino profissionalizante, é um dos principais parceiros da Fieg + Solidária, em diversas frentes de atuação, a exemplo da confecção das almofadas de coração e de centenas de máscaras de proteção facial e aventais, destinados a famílias em situação de vulnerabilidade social.

O trabalho de confecção das almofadas pela Faculdade Senai Ítalo Bologna mobilizou a equipe de professores da área de confecção, sob a coordenação técnica de Hélia Maria, que desenvolveu desde a modelagem das peças, corte e confecção. A ação teve a colaboração de docentes dos núcleos de Trindade, Jaraguá e do CASC de Campinas. ■



► Raquel Ribeiro a a primeira dama de Goiânia, Thelma Cruz: parcerias em projetos sociais



► Produção de almofadas de coração na Faculdade Senai Ítalo Bologna mobiliza profissionais da área de confecção

Artesanal faz 40 anos e doa R\$ 40 mil à Fieg + Solidária



Uma das mais exitosas ações da Federação das Indústrias do Estado de Goiás no enfrentamento da pandemia da Covid-19, o projeto de responsabilidade social Fieg + Solidária vai receber doação no valor de R\$ 40 mil da Farmácia Artesanal para aquisição de alimentos e montagem de cestas básicas, um dos itens distribuídos semanalmente a instituições filantrópicas que assistem famílias em situação de vulnerabilidade social em Goiânia e na Região Metropolitana.

A parceria foi acertada quinta-feira (15/04), durante reunião on-line entre os presidentes da Federação das Indústrias do Estado de Goiás, Sandro Mabel, e da Fieg + Solidária, Raquel Ribeiro, e o diretor financeiro da Farmácia Artesanal, Wilber Rocha.

A doação é também simbólica da comemoração dos 40 anos de fundação da Farmácia Artesanal. O valor de R\$ 40 mil será dividido em quatro meses. Há quatro décadas, a Farmácia Artesanal contribui para saúde da população goiana e agora tem expandido suas fronteiras com estabelecimentos em diversos Estados. Para ambos os parceiros, o sentimento comum é de que a contribuição feita à Fieg + Solidária fará com que milhares de famílias possam sonhar e acreditar em um mundo melhor.

Esperança

Sandro Mabel destacou a importância da parceria entre a Fieg + Solidária e a Farmácia Artesanal. “Quando recebemos uma doação como essa, ficamos emocionados. Nossos corações se enchem de felicidade. Essa contribuição, além de levar



► Wilber Rocha, diretor financeiro da Farmácia Artesanal, Sandro Mabel e Raquel Ribeiro, durante reunião virtual: parceria acertada

alimentos às famílias necessitadas, ainda renova esperança nos lares goianos. Desejo que Deus conceda em dobro à Família Artesanal! Obrigado, obrigado, obrigado! Que mais empresas possam se inspirar com essa ação e promovam a solidariedade” disse o presidente da Fieg.

Raquel Ribeiro, que faz questão de participar da montagem e distribuição de cestas de alimentos doadas semanalmente pela Fieg + Solidária, igualmente ressaltou a importância da contribuição. “Vocês reforçam nosso objetivo de construir uma família através da união. Tenho visto pessoas que nunca passaram fome pedindo ajuda devido aos reflexos da pandemia. Em uma recente entrega de cestas, me deparei com uma jovem que tinha tudo para ser bem-sucedida, mas enfrentava dificuldade por ter seu ramo de trabalho atingido pela pandemia.”

Raquel destacou ainda o significado da parceria que extrapola uma simples doação financeira. “Além de levar o alimento para essas pessoas, a gente reforça que existe esperança e que os dias vão melhorar. E são dias como o de hoje, em que nossa



instituição recebe uma doação de tamanha magnitude como essa, que renovam nossas forças e esperança de promover ações sociais. Eu não tenho palavras para agradecer toda gratidão que tenho por parceiros como a Farmácia Artesanal, que escolhem a solidariedade para comemorar mais uma década de sucesso. Obrigada!,” agradeceu.

Também participaram da reunião a gerente de RH da Farmácia Artesanal, Marinalva Carvalho, e a coordenadora de distribuição da Fieg + Solidária, Luciana Machado. ■

Do IEL para o setor público, um portfólio exclusivo

Instituto Euvaldo Lodi lança amplo leque de produtos para governo do Estado e prefeituras, incluindo ferramentas de aprimoramento da gestão e governança públicas, capazes de mitigar entraves no atendimento às empresas e à população

Sérgio Lessa

Fotos: Alex Malheiros

Há mais de meio século, o IEL Goiás proporciona modernização de processos, inovação, transformação digital e desenvolvimento aos seus clientes. Neste ano, o instituto lançou seu portfólio exclusivo para o setor público, levando soluções para as demandas dos municípios e órgãos do Estado.

“No intuito de preparar um pacote de produtos específicos para serem aplicados de acordo com os diagnósticos de cada município, contratamos a Ninho Desenvolvimento Empresarial para fazer uma modelagem de negócios para nos ajudar a estruturar nosso portfólio e, assim, poder oferecer nossas metodologias à gestão pública”, explica o superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira.

Os produtos do IEL Goiás são ferramentas de aprimoramento da gestão e governança públicas, capazes de mitigar os entraves no atendimento às empresas e à população. Basicamente, as soluções propostas buscam desburocratizar os serviços públicos; aumentar a oferta de serviços por meio eletrônico às pessoas físicas e jurídicas para agilizar os atendimentos e reduzir os custos; e fortalecer o diálogo entre o poder público e as lideranças empresariais, formulando políticas de desenvolvimento econômico e social de forma participativa.



► **Humberto Oliveira, superintendente do IEL Goiás, apresenta a prefeituras o portfólio exclusivo para o setor público**

Com o Programa de Gestão e Governança Pública elaborado pelo IEL Goiás, a administração pública recebe um planejamento estratégico com definição de indicadores e metas das ações definidas no programa de governo. São feitos mapeamento e organização dos processos que impactam nos resultados da gestão, bem

como a preparação dos servidores para a prestação de serviços.

Além da parceria com Sesi e Senai, o IEL Goiás também disponibiliza às prefeituras, por meio do Observatório da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), dados e informações para identificar as potencialidades dos muni- ►

cípios, gerando desenvolvimento regional.

O Programa de Estágio é o carro-chefe do IEL Goiás, permeando dezenas de municípios goianos. O instituto também oferece estágio de pós-graduação e o programa Inova Talentos, que insere bolsistas de inovação para desenvolver projetos nas áreas de saúde, educação, ação social e inclusão social.

As prefeituras também podem se valer do Estágio Social, no qual, em convênio com o Ministério Público, vagas são oferecidas a jovens em condições de vulnerabilidade, por meio de recursos provenientes de recolhimento de multas empresariais e ambientais. Além do Programa Jovem Aprendiz, em parceria com o Senai, o IEL Goiás também criou uma metodologia exclusiva, e registrada na Biblioteca Nacional, para auxiliar os gestores de escolas a definir suas estratégias de acordo com os recursos disponíveis e melhor qualidade de ensino.

Prefeitos podem transformar municípios em “cidades inteligentes”

Por meio das políticas públicas de fomento à Ciência, Tecnologia e Inovação, as prefeituras podem transformar os municípios em smart cities (cidades inteligentes, em inglês). O IEL Goiás tem todas as ferramentas e metodologias para levantamento e análise da situação dos municípios para definição das diretrizes estratégicas e metas para implementação de ações de curto, médio e longo prazos, além de busca de parcerias e definição do modelo de governança.

Nesse contexto, a administração pública também pode se valer de produtos oferecidos pelo IEL Goiás ligados à Inovação, Sistema de Gestão de Processos – programas de computador fazem tarefas repetitivas, liberando servidores para trabalhos de cunho intelectual.

O conceito de cidades inteligentes não



“ Nosso município tem como ponto forte o turismo e buscamos parceria com o IEL para desenvolvermos inúmeras áreas, seja na nossa administração, seja na economia.”

ANA PAULA DE OLIVEIRA, prefeita de Rio Quente, ao lado do presidente da Fieg, **Sandro Mabel**, e do deputado **Virmondes Cruvinel**

é, necessariamente, baseado em aquisição de tecnologias de alto custo, mas em soluções de planejamento urbano e organizacional para proporcionar mais segurança, estabilidade socioeconômica, redução de custo de vida e sustentabilidade.

O IEL também oferece o Programa de Desenvolvimento de Fornecedores, que, há mais de 20 anos, vem qualificando micro, pequenas e médias organizações por meio de empresas-âncora, desenvolvendo sensivelmente a economia de determinada região. O programa já beneficiou mais de 800 empresas e está em fase de negociação, entre outros produtos do IEL, com a prefeitura de Rio Quente, no Sul do Estado.

“Nosso município tem como ponto forte o turismo e buscamos parceria com o IEL para desenvolvermos inúmeras áreas, seja na nossa administração, seja na econo-

mia. Os produtos oferecidos pelo IEL são muito interessantes e estamos conversando para firmarmos essa parceria em prol do desenvolvimento de nossa cidade e da região”, ressaltou a **prefeita de Rio Quente, Ana Paula de Oliveira**.



► **Smart city** é um lugar onde redes tradicionais e serviços são feitos de forma mais eficiente com o uso de tecnologias digitais e de telecomunicações para o benefício de seus habitantes e negócios.



► **Vilmar Maciel, prefeito de Montes Claros de Goiás:** “O IEL dá um respaldo técnico muito grande em todas as áreas”



► **Murilo César, prefeito de Córrego do Ouro:** de olho em parceria para estágio e qualificação profissional



► **Deputado Virmondes Cruvinel,** responsável pela coordenação das visitas dos prefeitos à Fieg

Prefeituras negociam contratação de produtos do IEL

As seis regionais do IEL em Goiás (Goiânia, Anápolis, Luziânia, Rio Verde, Catalão e Itumbiera) trabalham fortemente para levar soluções para os mais de 120 municípios atendidos pelo instituto em diversas regiões do Estado. As equipes estão em negociação permanente com prefeitos e prefeituras.

“O IEL dá um respaldo técnico muito grande em todas as áreas. Nossa parceria será de grande importância no desenvolvimento de nosso município e até mesmo de nossa região”, afirmou **Vilmar Maciel, prefeito de Montes Claros de Goiás**, no Oeste Goiano.

Com grande penetração nas prefeituras por conta do programa de Estágio e Jovem Aprendiz, o IEL Goiás chama a atenção dos administradores públicos para outras áreas ainda mais abrangentes.

“Além de aprimorar a parceria que já temos com o IEL, no estágio, podemos promover a qualificação de mão de obra,

pois temos muitas confecções. Neste momento de pandemia, estamos em dificuldade muito grande. Para tentar levar mais oportunidades à nossa população e dar mais qualidade de vida, buscamos essas parcerias com IEL, Senai e Sesi”, disse **Murilo César, prefeito de Córrego do Ouro**, igualmente no Oeste Goiano.

Opinião semelhante tem Cácio Ador-

no, prefeito da vizinha Mossâmedes. “Estamos conversando com o IEL para nos ajudar na estruturação do município, na gestão, na administração. Temos várias áreas que podem ser alavancadas em Mossâmedes e a parceria com o IEL e todo o Sistema Fieg vai nos proporcionar que isso aconteça”, salientou Adorno. ■

NÚMEROS DO IEL GOIÁS

- **126** municípios atendidos
- Mais de **800** empresas atendidas pelo Programa de Desenvolvimento de Fornecedores
- Cerca de **320** mil alunos inseridos em campos de estágio
- Mais de **15** mil empresas atendidas
- Mais de **1** mil estudos e pesquisas realizados
- **2,27** mil instituições de ensino conveniadas





À ESPERA DA ARRANCADA

Setor de mineração poderá movimentar, entre investimentos de capital e operacionais, descoberta, melhoria e expansão de minas, perto de R\$ 30 bilhões até o próximo ano



► **Exploração mineral decola:** setor projeta investimentos de US\$ 38 bilhões entre 2020 e 2024, segundo Ibram

Um dos pilares estratégicos definidos pela Federação das Indústrias de Goiás (Fieg) para o período entre 2019 e 2022, sob a gestão do atual presidente, **Sandro Mabel**, a mineração deverá movimentar no Estado, nos próximos cinco anos, qualquer coisa ao redor de R\$ 30 bilhões, entre gastos operacionais, investimentos de capital, manutenção e ampliação de minas. A injeção dos recursos, que deverá movimentar a economia no interior do Estado, é resultado, entre outros fatores, também da ação institucional promovida pela Fieg e pelo Conselho



► **Sandro Mabel:** ações coordenadas pela Fieg e CNI reforçam a importância da indústria mineral para a retomada da economia no pós-pandemia

Temático de Mineração da Confederação Nacional da Indústria (Comin-CNI), sob o comando de **Sandro Mabel**, que coordena nacionalmente trabalho para melhorar o ambiente de negócios no setor.

Participam ainda daquelas ações no Estado a Câmara Setorial de Mineração da Fieg (Casmin), presidida por Wilson Antônio Borges, e o Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal (Sieeg-DF), presidido por Luiz Antônio Vessani. De acordo com Borges, o esforço tem como metas capturar investimentos para a mineração em Goiás, aprimorar o conhecimento geológico no Estado, permitindo a descoberta de novas minas, melhorar a qualidade das jazidas, com aumento no teor dos minérios extraídos, ampliação da vida útil das minas já instaladas, aumento da produtividade, com melhoria operacional das jazidas.

Na visão de **Sandro Mabel**, que conseguiu recolocar de pé o Comin-CNI no final de 2019, as ações coordenadas pela Fieg e CNI reforçam a importância do setor para a retomada da economia no pós-pandemia e fortalecem o direcionamento de ativida-

des encampadas pela própria federação, dentro do objetivo de tornar a mineração fonte de riqueza para um desenvolvimento sustentável.

O interesse crescente pela exploração mineral no Estado, continua Borges, pode ser avaliado a partir do resultado da segunda rodada de disponibilidade de áreas minerárias realizada pela Agência Nacional de Mineração (ANM). Aberta em 29 de dezembro passado, a rodada colocou em oferta 6.879 áreas para pesquisa e concessão de lavra, das quais 1.713 registraram um único interessado e foram transferidas aos investidores no começo de março. Outras 2.415 áreas, com mais de um pretendente, foram a leilão realizado eletronicamente também em março deste ano, enquanto 2.715 áreas (40% do total) não atraíram interessados. Conforme Borges, Goiás liderou o processo, contemplado com 957 áreas (13,9% do total), seguido de longe pelo Rio Grande do Sul, com 426 áreas.

As áreas colocadas em oferta pública, conforme prescreve o Programa Mineração e Desenvolvimento, lançado em setembro do ano passado pelo governo ►



► **Wilson Borges:** mineradoras goianas lideram interesse pelas áreas minerais oferecidas pela Agência Nacional de Mineração

federal, correspondem a títulos minerários que por alguma razão haviam sido descontinuados no passado ou estavam na carteira da ANM, incluindo diversas substâncias minerais. O programa, por sua vez, enquadra-se como uma das metas do Plano de Avanço da Mineração em Novas Áreas, que prevê novas rodadas neste e no próximo ano. No caso goiano, de acordo com Borges, empresas goianas manifestaram interesse principalmente em áreas de cobre, ouro, fosfato, níquel, bauxita, entre outros minerais.

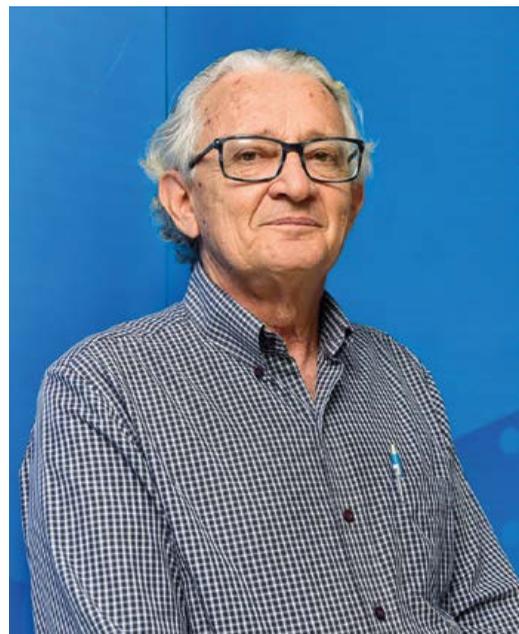
Na avaliação de Wilson Borges, o que ele chama de “otimização” da legislação ambiental no Estado pode ter contribuído, da mesma forma, para tornar o investimento no setor mais atraente, ao dar maior agilidade e desburocratizar a liberação de licenças ambientais. O presidente da Casmin considera relevantes a adoção de novos critérios de análise de empreendimentos, com termos de referência que dão prioridade a projetos que vão gerar emprego e renda em regiões remotas do Estado. E destaca ainda a informatização dos processos, bem como a diferenciação

entre projetos de baixo e de alto impacto ambiental. As mudanças, em resumo, tornaram autodeclaratório o processo de licenciamento para empreendimentos de impacto ambiental reduzido, sustenta ele, lembrando que a fila do licenciamento somava mais de 20 mil processos, dos quais 500 na área da mineração.

Em vigor desde dezembro de 2019, resultado de uma articulação liderada pela Fieg, Casmin e Sieeg-DF, envolvendo ainda setores do governo estadual e parlamentares, a Lei nº 20.694 estabeleceu, entre outras disposições, a licença ambiental por adesão e compromisso (LAC), ato administrativo que autoriza a instalação e a operação de atividade ou empreendimento a partir de mera declaração de adesão e compromisso do empreendedor às exigências da legislação ambiental. Nesse caso, todo o procedimento será feito por meio eletrônico, dispensando-se a análise prévia e a vistoria do órgão ambiental competente.

O processo foi novamente facilitado desde a sanção, em maio de 2020, da Lei nº 20.773, que instituiu o Regime Extraordinário de Licenciamento Ambiental

Alex Malheiros



► **Luiz Antônio Vessani:** mudança na legislação ambiental elimina “colcha de retalhos” e reduz sobreposição de exigências

(REL) como medida de enfrentamento à crise econômica causada pela pandemia do coronavírus. O objetivo foi desburocratizar ao máximo com a criação da figura da Licença Ambiental Extraordinária (LAE). Durante a vigência do novo regime, empreendimentos de pequeno, e médio portes e potenciais poluidores poderão ser licenciados em regime extraordinário e formalizados eletronicamente. Ficam fora desse regime empreendimentos considerados de significativo impacto ambiental, para os quais continuará a ser exigido o Estudo Prévio de Impacto Ambiental (EIA/Rima).

Conforme Vessani, presidente do Sieeg-DF, a legislação em vigor anteriormente criava uma “colcha de retalhos, com sobreposição de exigências, o que alongava os processos (de licenciamento)”. Segundo ele, o setor da mineração começou “efetivamente a trabalhar com norma legal estável” a partir de 2019. Ou seja, conseguiu-se “dar início ao Código de Mineração”, ao mesmo tempo em que entrou em operação a ANM, substituindo o antigo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), ainda no final de 2018.

TERCEIRO POLO NO PAÍS

Segundo dados da Casmin, Goiás registra quase quatro centenas de empresas de mineração, de todos os portes, o que representa aproximadamente 4,3% do total no País, instaladas principalmente em sete polos minerais, dedicados à exploração de cobre, ouro, cobalto, níquel, nióbio, fosfato e vermiculita. A relação inclui ainda terras raras, calcário e agregados para a construção civil, além de água mineral.

Principal produtor de vermiculita e níquel, com participação respectivamente de 82,1% e de 45,6% na produção brasileira, o Estado ocupa a segunda colocação na produção de bauxita, fosfato (37,2% do total produzido no País), cobre (21,8%), nióbio (14,4%) e ouro (9,6%), números que tornam Goiás o terceiro polo mineral do País, atrás do Pará e de Minas Gerais.

Conforme Wilson Borges, a indústria de ex-

tração mineral emprega em torno de 7 mil pessoas de forma direta e mais 6 mil terceirizados, nos polos de Niquelândia, Alto Horizonte, Campos Verdes, Crixás e Minaçu, na Região Norte; Barro Alto e Pilar de Goiás, no Centro Goiano, Catalão, no Sudeste; Planaltina, no Entorno do Distrito Federal; e Campos Belos, no Nordeste do Estado.

IBRAM ESPERA SALTO DE 38% NOS INVESTIMENTOS

Em projeção divulgada recentemente, o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) espera que os investimentos no setor mineral atinjam perto de US\$ 38 bilhões entre 2020 e 2024, o que significaria avanço de 38% em relação aos US\$ 27,5 bilhões esperados para o período entre 2019 e 2023. O valor, no entanto, ainda representa pouco mais da metade dos US\$ 75 bilhões estimados para o ciclo 2012 a 2016. Diante da forte valorização dos preços no mercado internacional, o minério de ferro deverá concentrar em torno 40,7% do investimento total, prevendo-se para o setor algo em torno de US\$ 15,5 bilhões desde o ano passado até 2024, puxados pela Vale.

A bauxita, que em Goiás registra investimentos mais recentes da Mineradora Santo Expedito (Edem Projetos) e da Companhia Brasileira de Alumínio (CBA), deverá receber, em todo o País, US\$ 8,2 bilhões até 2024, respondendo por 21,5% dos investimentos totais projetados para aqueles cinco anos. Em Barro Alto, a Santo Expedito trabalha em seu projeto para tratamento térmico da bauxita de forma a aprimorar as condições de aplicação industrial do minério, alavancando suas possibilidades econômicas.

O setor de fertilizantes, na sequência, espera investir US\$ 6 bilhões (16,7% do total). Nessa área, em Catalão, a CMOC Brasil, subsidiária da China Molybdenum (CMOC), anunciou em 2019 investimento de US\$ 308,483 milhões na expansão de suas operações na região, onde explora

nióbio e fosfato. Somados, os projetos esperados para exploração de minério de ferro, bauxita e fertilizantes deverão concentrar, portanto, quase 79% de todo o investimento.

No ano passado, conforme dados do Ibram, em meio à pandemia, o faturamento da indústria de mineração chegou a crescer ao redor de 36%, saindo de R\$ 153 bilhões para R\$ 209 bilhões. Mas o minério de ferro respondeu por quase 70% desse crescimento, já que o faturamento do setor avançou de R\$ 99,6 bilhões em 2019 para R\$ 138,7 bilhões, o que elevou sua participação no faturamento geral de 65,1% para 66,4%. Também em destaque, as receitas dos setores de produção

de minério de ouro e de cobre apresentaram altas de 76% e de 35%, respectivamente, faturando R\$ 23,2 bilhões e R\$ 13,8 bilhões naquela mesma ordem. Em Goiás, o faturamento avançou em torno de 17%, de R\$ 5,4 bilhões para R\$ 6,3 bilhões, perto de 3% do total no País.



INVESTIMENTOS PROJETADOS

(Valores em US\$ bilhões)

Período	Valor
2012-2016	75,0
2013-2017	63,7
2014-2018	53,6
2017-2021	18,0
2018-2022	19,5
2019-2023	27,5
2020-2024	38,0

Fonte: Ibram

MINÉRIOS EM ALTA, MAIOR RECEITA

(Valorização das principais substâncias minerais no mercado internacional puxam faturamento do setor, em R\$ bilhões)

Faturamento	2019	2020	Variação
Total	153,0	209,0	36,0%
Minério de ferro	99,6	138,7	39,0%
Ouro	13,2	23,2	76,0%
Cobre	10,3	13,8	35,0%
Bauxita	4,2	4,5	6,0%
Goiás	5,4	6,3	17,0%

Fonte: Ibram



► **Arão Portugal:** mineradora está investindo R\$ 600 milhões na exploração de ouro

Licença para a Amarillo em Mara Rosa

No começo deste ano, a Amarillo Gold, que investe na exploração de ouro em Mara Rosa, no Norte goiano, recebeu da Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Goiás (Semad) a licença para instalação de seu projeto. Quando estiver em funcionamento comercial pleno, por volta do início do quarto trimestre de 2022, a Amarillo Gold espera produzir anualmente 102,2 mil onças de ouro ao longo dos primeiros quatro anos de operação em Mara Rosa, algo em torno de 3,18 toneladas do metal. Até lá, a empresa terá investido R\$ 600 milhões apenas na implantação da mina, que vai operar a céu aberto, segundo o diretor geral da empresa no Brasil, Arão Portugal.

Com sede em Toronto, no Canadá, a mineradora mantém operações no Brasil desde 2004 e, atualmente, seu principal ativo no País é o projeto Mina de Posse, em Mara Rosa. “Esse projeto está em desenvolvimento há bastante tempo. Compramos os direitos minérios da Metago em 2004”,



► **Receitas em alta:** faturamento da indústria de mineração cresceu 36% entre 2019 e o ano passado, puxado pelo minério de ferro

recorda-se Portugal. Antes disso, depois de descobertos na década de 1980 pela BHP, os mesmos ativos estiveram sob controle da Western Mining até meados dos anos 1990.

Segundo a empresa, o tempo de vida útil da Mina de Posse, em instalação no Norte goiano, está estimado em dez anos, mas poderá ser ampliado a depender dos resultados de pesquisas futuras na região. Depois de conferida a licença de instalação, a previsão é de que as obras sejam concluídas em meados de 2022 e a produção comercial inicie em agosto do mesmo ano.

Entre reservas provadas e prováveis, o estudo estima um total de 902 mil onças de ouro contido (perto de 28 toneladas), com teor médio de 1,18 gramas por tonelada de

minério. A valorização recente do metal e a alta do dólar frente ao real deverão encurtar o prazo para retorno dos investimentos, que vão contemplar ainda a instalação de uma rede de transmissão de energia elétrica de 138 Kw, desde Porangatu até a mina, numa distância de 67 quilômetros e investimento estimado em US\$ 9 milhões (quase R\$ 47 milhões).

O caminho para as terras raras

A Mineração Serra Verde espera colocar em operação sua unidade de extração e beneficiamento de terras raras em Minaçu, também no Norte goiano, entre o final



Ouro goiano na mira de suecos e canadenses

As perspectivas minerárias e comerciais no setor de cobre e ouro também atraem investidores para Goiás. A Lundin Mining, empresa de capital sueco-canadense, projeta a ampliação da produção de cobre e ouro em Alto Horizonte, igualmente no Norte do Estado. Em julho de 2019, a mineradora pagou em torno de US\$ 800 milhões pelos ativos minerários da Yamana, maior exportadora individual do Centro-Oeste. Nas projeções para 2020, incluídas pela mineradora em seu balanço anual, a Lundin previa destinar US\$ 40 milhões para investimentos fixos na região e mais US\$ 7 milhões no processo exploratório. Na mesma previsão, a empresa esperava produzir entre 51 mil a 56 mil toneladas de cobre e 85 mil a 90 mil onças de ouro (algo entre 2,4 a 2,5 toneladas). As reservas minerais provadas na mina da Lundin naquela região estavam avaliadas em 292,45 mil toneladas de cobre, com teor médio de 0,20% de minério contido, e em 11,454 mil toneladas de ouro, com teor de 0,40%.

A fusão entre a Equinox Gold, do Canadá, e a LeaGolding Mining, igualmente de capitais canadenses, num negócio estimado em US\$ 578 milhões, poderá contribuir para tirar da prancheta o projeto de expansão da produção de ouro em Pilar de Goiás, na Região Centro Goiano, embora persistam incertezas em relação à conjuntura econômica. A Equinox havia antecipado, em seu balanço anual, a intenção de produzir em Pilar algo entre 708,7 quilos e 1,1 tonelada no ano passado. As reservas minerais provadas na mina goiana aproximam-se de 961 mil toneladas de minério, com 1,51 gramas por tonelada de ouro contido (perto de 1,45 toneladas). As reservas medidas estavam estimadas em 2,389 milhões de toneladas, com 7,63 toneladas do metal contido. ■

deste ano e o começo do próximo, num investimento inicialmente previsto em US\$ 591,13 milhões quando o projeto foi lançado, por volta de 2013. A entrada em operação da mina deverá gerar perto de 400 empregos diretos e até 1,5 mil indiretos na região. Até o final do ano passado, o projeto já havia recebido aportes de R\$ 800 milhões, segundo a empresa, restando quase esse mesmo valor ainda a ser investido até a entrada em operação da unidade.

Com vida útil prevista para 24 anos, a mina terá capacidade para produzir 7 mil toneladas por ano de concentrado de terra raras, equivalentes a cerca de 5% da demanda mundial. Atualmente, a China detém aproximadamente 90% da produção mundial de terras raras – conjunto

de 17 elementos químicos altamente estratégicos. São utilizados como insumos para indústrias de alta tecnologia, ligadas à energia limpa e à telemobilidade, tais como: lasers de aplicação industrial e médica, equipamentos de tomografia, cerâmicas e ligas metálicas especiais e, principalmente, na produção de superímãs, componentes essenciais para a produção de veículos elétricos e turbinas eólicas. A Mineração Serra Verde foi fundada em 2008, sendo inicialmente financiada pela Denham Capital, um fundo de investimentos sediado nos Estados Unidos. O projeto foi criado com objetivo de produzir concentrado de terras raras em nível de classe mundial a ser implantado em Minaçu (GO).

Um plano de ação para 2021

Conselho temático da Fieg pretende recuperar terreno perdido pelo País e pelo Estado no ranking da inovação e defende mais recursos para investimentos no setor

Tatiana Reis

Fotos: Alex Malheiros

Recuperar a capacidade inovativa do Brasil e avançar com a Aliança pela Inovação em Goiás. Com esse espírito, o presidente do Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI) da Fieg, Heribaldo Egídio, apresentou no final de março o plano de ação do colegiado para 2021. A pauta dominou a primeira reunião do CDTI no ano, realizada no dia 31, com participação do presidente da Fieg, **Sandro Mabel**; da presidente da Fieg + Solidária, **Raquel Ribeiro**; do deputado estadual Virmondes Cruvinel (Cidadania); do superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira; e do assessor técnico do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTIC) Oscar Zveiter.

Dentre as ações planejadas pelo CDTI, está a realização de dois eventos ainda no primeiro semestre e da 4ª Mostra de Tecnologia para Negócios, em outubro. A programação será realizada 100% on-line, com migração para o sistema híbrido no segundo semestre. Paralelamente, o colegiado também deve organizar pelo menos duas missões de benchmarking no Brasil.

Segundo Egídio, dados recentes da Organização Mundial da Propriedade



► **Heribaldo Egídio:** “O Brasil vem perdendo protagonismo entre as nações do BRICS. É um dado preocupante e que reflete falta de recursos para fomento da inovação e de investimentos nas universidades”

Intelectual (OMPI) mostram que o Brasil tem perdido destaque entre os países emergentes no Índice Global de Inovação (IGI). Na última década, a nota brasileira recuou quase seis pontos. Em 2011, o País somava 37,75 pontos e estava na 47ª colocação no ranking mundial. Em 2020, o índice ficou em 31,94 pontos, a pior nota obtida pelo Brasil nos últimos dez anos, colocando o País na 62ª posição. O IGI avalia os esforços e os resultados do processo de inovação em 131 países.

“O Brasil vem perdendo protagonismo entre as nações do BRICS (grupo de países que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). É um dado preocupante e que reflete falta de recursos para fomento da inovação e de investimentos nas universidades. Precisamos de um olhar diferenciado, identificar o que os outros países estão fazendo para avançar com a pauta e propormos ações com esse foco. Temos um importante papel nessa transformação e podemos fazer a mudança, a diferença, no Centro-Oeste”, avaliou o empresário, citando a união da “tríplice



► **Sandro Mabel:** “Se os desafios já eram enormes, o contexto da pandemia acelerou ainda mais a necessidade de as empresas buscarem novas soluções para manter a competitividade”

hélice” (setor público, iniciativa privada e instituições de pesquisa) em torno da Aliança pela Inovação.

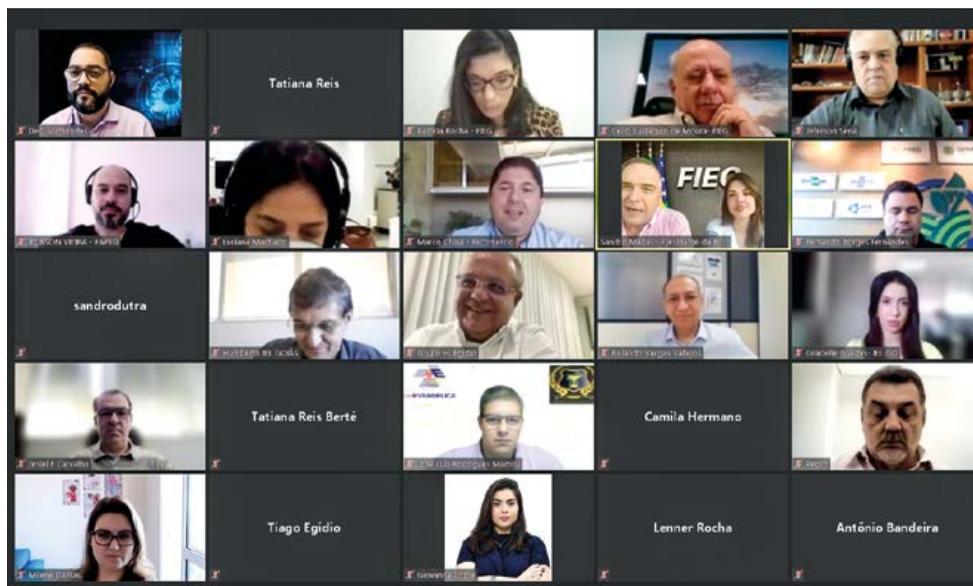
Nesse sentido, a Fieg vem promovendo diversas ações para construir fer-



► **Humberto Oliveira:** Observatório Iris Rezende Machado, a ser inaugurado em maio, busca subsidiar o setor produtivo com informações estratégicas

ramentas que permitam a implantação de processos inovadores nas indústrias goianas. **Sandro Mabel**, que participou da abertura da reunião do CDTI, destacou a contribuição do Conselho e das instituições que compõem o Sistema Indústria no incentivo à inovação no setor produtivo. “Se os desafios já eram enormes, o contexto da pandemia acelerou ainda mais a necessidade de as empresas buscarem novas soluções para manter a competitividade do que produzem no mercado interno e externo. Nesse contexto, nosso portfólio inclui soluções que vão de governança e gestão aos processos produtivos e de suporte, por meio da atuação do Senai e do IEL Goiás”, observou. O presidente da Fieg definiu a inovação como a chave que vai permitir o salto de produtividade da indústria goiana. “Por isso, unimos esforços para incentivar o setor produtivo na busca por soluções modernas, incrementais e disruptivas”, disse.

Também presente na webconferência, o superintendente do IEL Goiás, Humberto Oliveira, ressaltou a iniciativa da Fieg com a criação do Observatório Iris Rezende Machado. O projeto será inaugurado no dia 4 de maio e busca subsidiar o setor produtivo com informações estratégicas, como dados demográficos, econômicos



► **Webconferência:** representantes de 46 instituições do ecossistema de inovação do Estado discutem os rumos da Aliança pela Inovação

e relativos ao consumo e à estrutura de distribuição de todas as regiões e municípios de Goiás.

A reunião do CDTI abordou ainda detalhes do programa Brasil Mais, ação do governo federal executada pelo Senai Goiás e Sebrae, com objetivo de aumentar a produtividade e competitividade de micro, pequenas e médias empresas de todos os segmentos da indústria, comércio e serviços. De acordo com a coordenadora de Serviços de Tecnologia e Inovação do Senai Goiás, Larissa Custódio, o programa oferece soluções de baixo custo e de rápida implementação para melhorar práticas produtivas e gerenciais das empresas em um cenário de transformação digital.

A RETOMADA DA ALIANÇA

A webconferência do CDTI também marcou a primeira assembleia da Aliança pela Inovação em Goiás em 2021. O encontro contou com participação de representantes de 46 instituições que compõem o ecossistema de inovação no Estado. Entre os participantes, o deputado estadual Virmondes Cruvinel explicou detalhes do projeto de lei Cidade Inteli-

gente. De acordo com o parlamentar, o PL prevê o tratamento de dados individuais e coletivos para planejamento e desenvolvimento urbano e social. Para tanto, são incentivadas parcerias para pesquisa e inovação de modelos de gestão pública. “Trabalhamos uma agenda articulada com municípios, com diálogo constante com setor produtivo”, afirmou.

Também presente no encontro, o assessor técnico do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTIC) Oscar Zveiter detalhou aspectos da Lei 13.800/2019, que autorizou a administração pública a firmar instrumentos de parceria e execução de programas com organizações gestoras de fundos patrimoniais. Na prática, a iniciativa busca incentivar doações de pessoas físicas e jurídicas privadas para programas e projetos voltados à ciência, tecnologia e inovação (CT&I).

De acordo com Zveiter, o MCTIC tem promovido diversas ações para apoio institucional à iniciativa, como articulação para redução da burocracia, incentivo ao ambiente integrado e transversal para custeio e financiamento, estímulo à capacitação das entidades e fomento à cultura de doação. ■



Reversão: BC alega supostas pressões de demanda para retomar sua receita única para derrubar preços, recorrendo à alta dos juros básicos

Alta dos juros ameaça a economia

Fieg considera decisão precipitada e equivocada. Mercados apostam em juros de 5% ao ano, o que poderá gerar despesa adicional para o Tesouro de R\$ 91,1 bilhões

Tatiana Reis e Lauro Veiga Filho

Uma decisão não apenas precipitada, mas fundamentalmente equivocada, num momento de escalada da pandemia em todo o País, a elevação da taxa de juros coloca toda a atividade econômica sob séria ameaça. “As empresas estão morrendo, sem poder funcionar em muitos municípios devido a restrições adotadas para combate ao coronavírus. O aumento da Selic encarece os custos de financiamento e de capital de giro, tão importantes nesse momento que empresários buscam a todo custo manter seus negócios funcionando e gerando empregos”, declarou

Sandro Mabel, presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), ao avaliar a decisão tomada em meados de março pelo Comitê de Política Monetária (Copom).

Em sua reunião mais recente, o comitê, composto pela alta direção do Banco Central (BC), decidiu elevar a taxa básica de juros de 2% para 2,75% ao ano, na primeira alta decidida em seis anos. A última vez em que os juros haviam sido ajustados para cima fora em julho de 2015, quando a taxa atingiu 14,25% ao ano. A ata do Copom já antecipa nova dose de aumento, na mesma proporção, para a reunião marcada para os dias 4 e 5 de maio, o que elevaria a taxa para 3,5%. Para **Mabel**, a decisão do BC vai na contramão do que o setor produtivo precisa para sobreviver em meio à pandemia. A pressão inflacionária foi o motivo alegado para justificar o aumento da taxa. Entretanto, o atual cenário, com novas variantes do coronavírus, lentidão

na vacinação, altas taxas de desemprego e produção desaquecida, mantém a demanda deprimida, com queda no consumo, conforme análise da área técnica da Fieg. “O mais sensato seria aguardar o impacto do atual cenário de isolamento sobre a trajetória da inflação”, apontou **Sandro Mabel**.

Na verdade, a equipe econômica, representada neste caso pela diretoria do BC, tomou a única medida a que sempre recorreu para enfrentar processos de elevação nos preços em geral: arrochar a economia por meio da elevação das taxas básicas de juros. Ainda que, conforme argumenta a própria nota do Copom, as altas recentes nos preços guardem relação nula com o nível atual da atividade econômica no País.

Mais claramente, a inflação vem flertando com níveis mais elevados desde setembro do ano passado, sob pressão da alta nos preços internacionais das principais commodities, incluindo soja,

milho, algodão, petróleo e minério de ferro, entre outros produtos, e por conta da forte desvalorização do real diante do dólar. Quer dizer, nenhum desses fatores está relacionado ao comportamento da demanda doméstica. Na cabeça dos diretores do BC, ainda assim, seria “inevitável” aumentar os juros para determinar um esfriamento ainda mais severo na economia para derrubar os preços aqui dentro de forma a compensar as pressões de alta, em geral vindas de fora do País, e levar a taxa inflacionária de volta para o centro da meta (fixada em 3,75% para este ano).

Para comparar, os preços dos produtos influenciados pelo dólar, nos 12 meses terminados em fevereiro deste ano, subiram 9,90%, de acordo com estimativa do Banco Fator. Os produtos que não são exportados e que não sofrem influência direta do câmbio subiram 2,79% em igual período diante de uma inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), de 5,20%. O aumento dos combustíveis respondeu por metade da inflação registrada no acumulado dos primeiros dois meses deste ano (1,11%).

A conta a pagar

O que os comunicados do Copom jamais deixam transparente é que medidas de política monetária (no caso, o aumento dos juros) sempre embutem custos a serem cobertos por toda a população. Não apenas porque o crédito tenderá a ficar mais caro. Mas também porque o governo terá de pagar juros mais altos para renovar sua dívida no mercado e ao vender novos títulos, o que tem efeito sobre as contas do setor público, ao gerar despesas crescentes e mais déficits.

Em fevereiro deste ano, a chamada taxa Selic corrigia perto de 45% da dívida bruta do governo geral (conceito que inclui as administrações federal, estaduais e municipais, assim como os regimes de Previdência administrados por eles). Ou seja,



► **Sandro Mabel:** “As empresas estão morrendo, sem poder funcionar em muitos municípios devido a restrições adotadas para combate ao coronavírus. O aumento da Selic encarece os custos de financiamento e de capital de giro”

toda essa parcela da dívida estava sujeita às variações dos juros básicos definidos pelo BC. Diante de um saldo total de R\$ 6,744 trilhões, valor da dívida bruta, perto de R\$ 3,037 trilhões estavam representados por títulos remunerados pela taxa básica de juros.

O relatório Focus apontava, no final de março, que os mercados apostavam numa alta dos juros básicos para 5% ao final deste ano, indicando a expectativa de uma taxa ao redor de 6% para 2022. Para mensurar o impacto desses aumentos sobre as contas do setor público, a uma

taxa anual de 2% para os juros básicos, considerando o saldo da dívida pública bruta corrigida pela Selic, a despesa nesta área teria alcançado R\$ 60,7 bilhões em um ano. Caso a Selic seja elevada de fato para 5%, o gasto em 12 meses atingiria R\$ 151,8 bilhões, num acréscimo de R\$ 91,1 bilhões – algo como R\$ 7,6 bilhões por mês ou R\$ 30,4 bilhões aproximadamente em quatro meses, o equivalente a 69% do valor total aprovado para o auxílio emergencial. A conta subiria para R\$ 182,2 bilhões com a incidência de juros de 6% esperados para o próximo ano (sempre tomando períodos de 12 meses), num gasto adicional de R\$ 121,5 bilhões, na comparação com o serviço gerado por juros de 2% ao ano. Em quatro meses, o Tesouro torraria R\$ 40,5 bilhões, quase todo o auxílio emergencial, sem que isso reverta em qualquer tipo de benefício para o lado real da economia.

Essa despesa extra, gerada pela elevação dos juros, mas nunca levada em conta nas escolhas de política econômica feitas pelo governo, todos os demais indicadores constantes (como gostam de dizer os economistas), produziria uma elevação de 9% no déficit nominal (receitas menos despesas, incluindo os gastos com juros) apenas no primeiro ano, considerando juros de 5% ao ano. Para registro, o rombo nominal acumulado em 12 meses até fevereiro deste ano somava R\$ 1,008 trilhão, algo como 13,5% do Produto Interno Bruto (PIB). ■

GASTOS COM JUROS VINHAM BAIXANDO

(Valores em R\$ bilhões acumulados em 12 meses, por tipo de indexador)

Período	Total	Selic	Pré-fixada	Índices de preços
Dez/2017	439,8	195,1	123,4	99,4
Dez/2020	347,2	79,8	108,2	139,2
Fev/2021	352,0	74,2	106,8	150,6
Variação em R\$ bilhões (Dez-2017 a fev-2021)	-87,8	-120,9	-16,6	+51,1

Fonte: Banco Central (BC)

Uma rota para a exportação

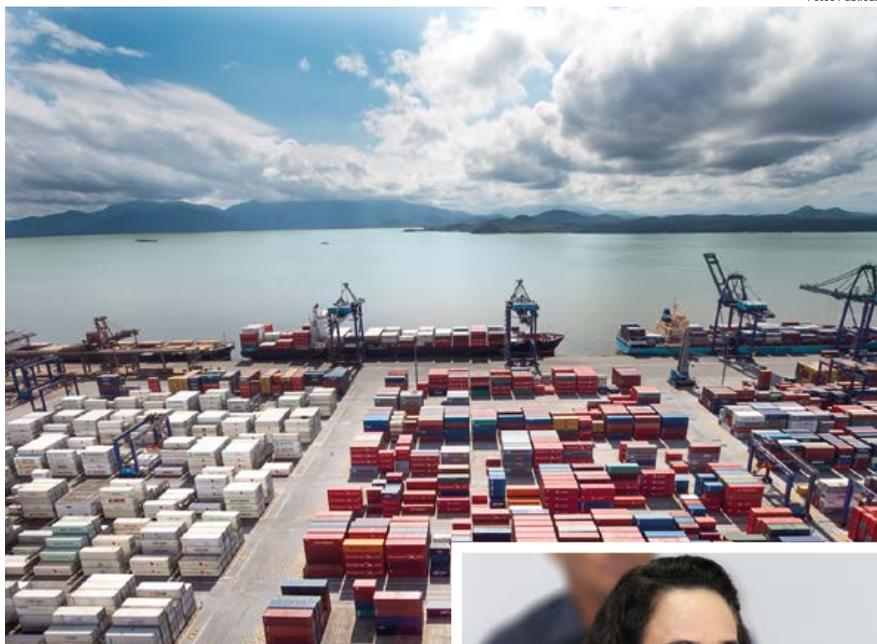
Em mais uma parceria com CNI e Sebrae, a Fieg lança programa para estimular a internacionalização de micro e pequenas indústrias

Tatiana Reis

Com lançamento previsto para maio pela Fieg, o programa Indústria Global – Rota da Exportação é destinado a promover a internacionalização de pequenos negócios goianos, beneficiando inicialmente empresas dos setores de moda (lingerie e moda praia), cosméticos (produtos para cabelo) e alimentos e bebidas (café e cachaça). Em parceria com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e o Sebrae, a iniciativa oferece variado portfólio de serviços, que vão desde a etapa de preparação no processo de internacionalização, ampliando o grau de maturidade exportadora, até a participação dessas empresas em ações de promoção de negócios, com objetivo de aumentar o volume de micro e pequenos negócios no comércio exterior.

De acordo com a coordenadora do Centro Internacional de Negócios (CIN) da Fieg, Johanna Guevara, serão ofertadas dez vagas na primeira etapa do programa. No total, a Fieg e o Sebrae custearão mais de R\$ 250 mil em consultorias, capacitações e estudos de internacionalização com objetivo de incrementar a exportação de produtos made in Goiás.

“Vamos realizar uma ampla avaliação do perfil empresarial de cada negócio, analisando a maturidade da empresa quanto às estratégias para internacionalização, gestão e inserção nos mercados internacionais. Queremos municiar os empresários com



Fotos Públicas

► **A caminho do porto:** programa tem como objetivo, entre outros, transferir conhecimentos sobre o mercado externo a empresas de pequeno porte

os conhecimentos necessários para essa atuação no exterior, preparando o negócio para concretizar a exportação de produtos”, avalia Johanna. O programa prevê que as empresas beneficiadas sigam uma “trilha de internacionalização”, por meio de iniciativas que contemplam negócios que ainda estão no início do caminho para alcançar mercados internacionais.

Para o presidente da Fieg, **Sando Mabel**, é fundamental intensificar a cultura exportadora em Goiás. “A ação fortalece a indústria, incentiva a geração de mais empregos em nosso Estado e leva para o mundo a qualidade do produto goiano. Somos muito mais que exportador de commodities. Temos um pujante parque industrial farmaquímico e produtor de moda e de alimentos e bebidas”, afirma. ■



► **Johanna Guevara:** “Vamos realizar uma ampla avaliação do perfil empresarial de cada negócio, analisando a maturidade da empresa quanto às estratégias para internacionalização, gestão e inserção nos mercados internacionais”

SERVIÇO

- As empresas interessadas em participar do programa **Indústria Global** podem entrar em contato com o CIN/Fieg pelo telefone **(62) 3501-0044**, que também atende com **mensagens pelo whatsapp**. Dentre os conteúdos previstos nas capacitações e consultorias, estão: exportação na prática, marketing, logística internacional e formação de preço.



Reciclando o Amanhã: crianças, como Hygor Alves, participam ativamente de projeto de recuperação do meio ambiente com plantio na orla da Prainha de São Domingos

Plante árvores, cuide dos rios...



São Domingos aposta em projeto ambiental executado pelo Senai

Iniciativa capacita 173 professores de 14 escolas da região do Vão do Paranã, com a implantação de soluções para demandas ambientais

Renata Santos

Fotos: Núcleo de Mídias do Senai Canaã

“Para que o lixo não seja o vilão do amanhã e destrua sua harmonia com a natureza”, adverte placa institucional fixada no Centro de Apoio ao Turismo de São Domingos, no Nordeste goiano, na divisa com a Bahia, base temporária do Senai Canaã, de Goiânia, para o desenvolvimento de ações móveis no âmbito do projeto Reciclando o Amanhã no município, distante mais de 500 quilômetros da capital.

A educação ambiental na prática envolve ações efetivas para atravessar novas gerações, como “plante mais árvores, cuide dos rios e córregos, contribua com a vida e deixe seu lar mais vivo pensando no futuro de todos”.

A empreitada da prefeitura local, financiada pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa), capacitou 173 professores de 14 escolas da microrregião do Vão do Paraná. Foram oferecidas soluções para as demandas ambientais com iniciativas e ações conjuntas com o Senai.

Coordenadora do projeto, a bióloga Geórgia Santana observa que pela primeira vez a região, uma das mais carentes do Estado, recebe um projeto com essa abrangência. Os trabalhos foram executados em São Domingos, em quatro povoados e dois assentamentos. “O plantio de árvores nativas do Cerrado ocorreu no início de dezembro e, agora, partimos para novas etapas. Já realizamos cursos de formação de professores. Várias atividades contaram ainda com participação de pais e alunos num total de 400 pessoas”, descreve.

“Primeiro fizemos um diagnóstico para identificar quais eram as necessidades da região. Depois partimos para as ações e os ensinamentos para capacitar a comunidade”, explica. Assim, será possível manter um pós-projeto com a criação de um núcleo ambiental para um trabalho contínuo feito pelos “multiplicadores” dessas ações ambientais. “Esse trabalho não pode parar e, por isso, além das aulas e cartilhas, investimos nos equipamentos



▶ **Centro de Apoio ao Turismo de São Domingos:** base do Senai Canaã no desenvolvimento do projeto Reciclando o Amanhã



▶ **Gleysson Flávio Alvarenga e Francois Server da Silva, do Senai Canaã:** plantio na Nascente do Rio do Macaco e na Orla da Praia de São Domingos



que são distribuídos em vários pontos da cidade e dos povoados, que receberão também as composteiras de tratamento de resíduos”, diz. Em junho, entregaremos 25 containers, equipamento para coleta seletiva destinado à separação de plástico, papel, lata e vidro. Geórgia Santana acrescenta que, até o segundo semestre – prazo previsto para terminar o projeto e que pode atrasar por causa da pandemia –, serão distribuídos mais 100 containers e 140 composteiras.

O engenheiro Diogo Borges de Oliveira, instrutor orientador do Senai Vila Canaã, da área gráfica e de comunicação visual, junto de sua equipe, assina a divulgação da campanha ambiental desenvolvida em São Domingos e de outros projetos de design de produto oferecidos pela instituição. Para ele, o envolvimento



► **Curso de compostagem:** 12 agentes capacitados nos povoados de Estiva, São Vicente e ainda em escolas de São Domingos

dos moradores foi essencial para o sucesso do projeto criado também para agregar, além da conscientização ambiental, formas de desenvolvimento sustentável do potencial turístico e econômico da cidade. “Para instigar a produção do conhecimento ambiental e tornar isso contínuo, criamos até jogos de tabuleiro nos moldes dos tradicionais, como um com cartas que trazem ensinamentos dos temas assimilados nos cursos. Boné, brindes, outdoor também atraíram o interesse da comunidade pelas ações”, descreve.

Recuperação das nascentes

O prefeito Cleiton Gonçalves Martins diz que esse projeto será um marco no município, que tem como meta proteger o meio ambiente de 3.254 quilômetros quadrados e recuperar todas as nascentes que tinham registros de degradação. O projeto entregou um programa de recuperação

de nascentes com o mapeamento de 50 áreas que precisam de reflorestamento. Segundo ele, 1.625 mudas foram plantadas, tais como jatobá, pequi, ipê e buriti.

“O envolvimento da comunidade foi maravilhoso, com participação de muitas crianças também. O projeto vai promover novos hábitos de comportamento na separação de resíduos sólidos”, observa Darismar Francisco dos Reis, secretário de Meio Ambiente de São Domingos. Ele resalta que, pelo fato de as ações ocorrerem durante a pandemia, a cidade foi receptiva ao projeto e também marcou presença nas atividades on-line, a exemplo dos cursos de formação. As aulas ocorreram em formato híbrido, dividido em ambiente virtual e presencial, para cumprir o protocolo exigido na prevenção da Covid-19, com distanciamento social entre os presentes e uso de máscaras e de álcool em gel.

Os 12 agentes de saúde do município também foram capacitados com curso de separação de resíduos sólidos e ainda de ►

compostagem. Os programas foram ministrados nos povoados de Estiva e São Vicente, além de escolas de São Domingos. Para o secretário, um dos diferenciais do projeto foi a identificação das áreas degradadas principalmente pela falta de fiscalização e

o plantio que vai evitar mais erosões. Ele diz que, além da orla do Lago São Domingos e pontos do Rio Domingos, também receberam espécies nativas localidades do Rio Macaco e Córrego Maravilha

Luiz Chimelo



► **Prefeito de São Domingos, Cleiton Gonçalves Martins, e Geórgia San'tana, coordenadora do projeto: experiência será um marco no município**



► **Terra Ronca, sediado em São Domingos: parque tem o desafio de preservar fauna, flora e mananciais**

BONS RESULTADOS A BAIXO CUSTO

“Os serviços ambientais oferecidos pelo Senai Canaã serão expandidos a partir deste ano para oferecer mais desenvolvimento social e sustentabilidade para os nossos parceiros”, afirma Claiton Cândido Vieira, diretor da unidade, que citou o projeto desenvolvido em São Domingos como exemplo a ser seguido por outras prefeituras goianas. Este trabalho de educação ambiental realizado no Nordeste goiano mostrou como as cidades podem obter soluções para suas demandas ambientais com iniciativas de baixo custo.

Os projetos financiados por editais, como o da Funasa, são efetivados com baixo custo. As ações do Programa de Gestão de Resíduos (PGR), realizadas pelo Senai em conjunto com a prefeitura de São Domingos, foram os primeiros passos para a população da cidade poder desenvolver até uma usina de reciclagem local por meio de cooperativa, com recicladores formados pelos cursos de capacitação oferecidos pelo projeto Reciclando o Amanhã. ■



► **Claiton Cândido Vieira: serviços ambientais serão levados a outras regiões do Estado ainda neste ano**

Parcerias pelo crescimento

▶ **Terceira rodada:** equipe da Fieg recebe prefeitos de Montes Claros de Goiás, Mossâmedes e Córrego do Ouro, e vice-prefeito de São Miguel do Passa Quatro

Na terceira rodada de reuniões com prefeitos apenas neste ano, Fieg dá continuidade a discussões sobre ações para promover o crescimento do emprego e da renda

.....
Andelaide Lima

Como parte das ações promovidas para incrementar a geração de emprego e renda nas cidades goianas, a Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) realizou no final de fevereiro o terceiro encontro deste ano com prefeitos municipais. Desta vez, foram recebidos na Casa da Indústria, em Goiânia, os prefeitos Vilmar Maciel, Cácio Adorno e Murilo Cesar, respectivamente, de Montes Claros de Goiás, Mossâmedes e Córrego do Ouro, municípios da Região Oeste Goiano, além do vice-prefeito de São Miguel do Passa Quatro, no Sudeste, Misael Brandão.

O encontro foi acompanhado pelo deputado estadual e presidente da Frente Parlamentar do Empreendedorismo na Assembleia Legislativa, Virmondés Cruvinel (Cidadania) – responsável pela coordenação das visitas dos prefeitos à instituição. Antes já haviam sido recebidos Erivaldo Silva, de Itapirapuã, Gabriel Castro (Novo Brasil), na Região Oeste Goiano, Anatair Santana, de Morro Agudo de Goiás, no Centro Goiano, e Ana Paula Oliveira (Rio Quente), no Sul do Estado, além do secretário municipal de Administração de Fazenda Nova, Francisco Costa.

“Participo do projeto desde o início das articulações porque acho fundamental

Alex Matheiros



a realização de parcerias público-privadas para buscar experiências e apresentar alternativas para que os municípios vençam seus desafios. Tenho acompanhado todas as ações do Sistema Fieg de combate à pandemia e retomada da economia. Esse é o momento oportuno de estarmos todos de mãos dadas”, destacou o parlamentar.

Na abertura do evento, por meio de videoconferência, o presidente da Fieg, **Sandro Mabel**, parabenizou a participação dos prefeitos e explicou que a iniciativa visa contribuir com o crescimento dos municípios. “*Queremos trabalhar em parceria para ampliar as potencialidades das regiões, levando mais qualificação, treinamentos e boas práticas de gestão ao interior do Estado*”, disse.

As parcerias com o Sistema Fieg incluem ações no âmbito do diversificado portfólio de produtos e serviços do Sesi,

Senai e IEL, em áreas como educação básica, educação profissional, saúde e segurança na indústria, estágio, jovem aprendiz, programa de desenvolvimento de fornecedores, gestão da inovação, robotização de processos, entre outras.

Os diversos produtos e serviços das instituições da indústria foram apresentados aos prefeitos pelos superintendentes Paulo Vargas (Sesi/Senai), Humberto Oliveira (IEL Goiás) e João Carlos Gouveia (Fieg). O evento foi acompanhado pelo diretor de Educação e Tecnologia do Sesi Senai, Claudemir Bonatto; pelo gerente do IEL Goiás Cleider da Fonseca (Mercado Público) e pelo coordenador técnico da Fieg, Alessandro Araújo.

Após as apresentações, os prefeitos se mostraram empolgados com as possibilidades de parcerias em diversas frentes de atuação. ■

REPRESENTATIVIDADE

Executivo sindical, o reforço para os sindicatos

Projeto lançado pela Fieg, por meio de sua gerência sindical, estimula sindicatos a contratarem profissional especializado para defender os interesses de cada setor. Sinprocimento, Sindirepa, Sindipão e Simesgo aderiram à experiência

A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) colocou em marcha o Projeto Executivo Sindical, destinado a “apoiar os sindicatos patronais da indústria e reforçar sua representatividade junto às empresas de sua base”, segundo a gerente sindical Denise Resende. O projeto coloca à disposição dos sindicatos um profissional especializado, “com aptidões e características necessárias” para atuar no fortalecimento do setor, com ampliação das empresas associadas, e na geração de negócios e receitas, divulgando o amplo leque de serviços oferecidos pelas entidades sindicais, conforme a gerente.

O executivo sindical representará os sindicatos e terá como função ainda defender os interesses empresariais em seus mais diversos níveis, promovendo discussões sobre temas relacionados à organização sindical e à indústria de forma mais ampla, além de mobilizar empresários e estimular sua conscientização em relação ao papel relevante desempenhado pela estrutura sindical e os serviços oferecidos por ela. Além disso, acrescenta Denise, os executivos contratados conduzirão todo o processo de negociação coletiva com representantes dos trabalhadores, “organizando eventos em defesa do segmento que representa, orientando e promovendo, ainda, capacitações para empresários e seus empregados”.

Segundo Olavo Martins Barros, presidente do Sindicato das Indústrias de Produtos de Cimento do Estado de Goiás (Sinprocimento), o programa ainda está em seu início, mas o sindicato aprovou a proposta apresentada por sua diretoria de contratação de um profissional, seguindo orientação e o perfil definidos pela



► **Denise Resende, gerente sindical da Fieg:** profissionais especializados poderão reforçar a atuação dos sindicatos e estimular a ampliação de sua base

Fieg, e este gestor já está trabalhando desde o final de 2020. “É muito importante que o gestor seja proativo e se inteire de todas as atividades do sindicato”, observa Barros. Ainda de acordo com ele, foi definida uma programação até maio deste ano, quando se encerra o mandato do executivo, “e então procederemos a uma avaliação do mesmo para a Diretoria da Fieg”. A expectativa, diz ele, é de que todo o plano de ação e seus objetivos sejam alcançados, com retornos positivos para o sindicato.

Além de agir como representante dos sindicatos patronais, retoma Denise, o executivo sindical deverá ainda realizar pesquisas e sistematizar dados que permitam antecipar tendências de mercado para o setor e subsidiar, “com dados confiáveis”, a formulação de estratégias pelas entidades sindicais. Da mesma forma, caberá a esse especialista desenvolver o



Fotos: Alex Malheiros

► **Olavo Martins Barros, presidente do Sinprocimento:** “É muito importante que o gestor seja proativo e se inteire de todas as atividades do sindicato”

monitorar planos de comunicação, levando em conta os objetivos estratégicos estabelecidos e ferramentas disponíveis no mercado para “fortalecer a imagem e o relacionamento do sindicato com as partes interessadas”.

Espera-se, adicionalmente, que os executivos contratados possam “identificar, propor e executar projetos e parcerias, por meio da interação com parceiros e da utilização de metodologias e ferramentas de gestão, para concretizar o planejamento estratégico do sindicato e atender às indústrias representadas”, sustenta Denise. Na área legislativa, o profissional deverá também acompanhar de perto a tramitação de projetos que poderão trazer algum impacto para o setor representado, alimentando os presidentes dos sindicatos que informações necessárias para orientar sua atuação. ■

A estreia do novo conselho temático da Fieg

Alex Malheiros



▶ André Rocha, vice-presidente da Fieg, à frente do recém-criado Conselho de Assuntos Legislativos (CAL): trabalho proativo

Entidades representativas compõem o Conselho de Assuntos Legislativos (CAL), que busca estreitar relacionamento com parlamentares, ampliando discussão de projetos fundamentais ao incremento do ambiente de negócios e geração de empregos

Tatiana Reis

Considerado pelo vice-presidente da Fieg André Rocha, o recém-criado Conselho de Assuntos Legislativos (CAL) da Federação das Indústrias do Estado de Goiás realizou em março a primeira reunião do colegiado, com participação do vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) Paulo Afonso Ferreira, do gerente de Estudos e Formulação da CNI, Frederico César, e do presidente da Fieg Regional Anápolis, Wilson de Oliveira. Na webconferência, foram debatidas pautas prioritárias que tramitam no Legislativo e que têm impacto direto no ambiente de negócios e na geração de empregos.

“Queremos contribuir com um trabalho proativo, aproximando-se inicialmente das casas legislativas de Goiânia, Aparecida de

Goiânia e Anápolis e da Assembleia Legislativa, além de acompanhar as demandas do Congresso Nacional, via confederações nacionais”, explicou André Rocha.

De acordo com ele, as atividades do conselho incluem mais que acompanhar os processos legislativos e examinar projetos de lei com pareceres técnicos. Dentre as ações, as entidades que compõem o Fórum Empresarial de Goiás buscam articular apoio político e apresentar projetos de interesse do setor produtivo. Paralelamente, o colegiado também busca contribuir com as entidades nacionais na formulação de propostas que promovam um melhor ambiente de negócios.

O vice-presidente da CNI Paulo Afonso Ferreira, que coordena trabalho similar em âmbito nacional, parabenizou a iniciativa

da Fieg e explicou como as confederações nacionais trabalham em conjunto com o Congresso Nacional para viabilizar pautas prioritárias ao Brasil.

“Nosso trabalho é em parceria com as demais entidades nacionais representativas do setor produtivo, com processos transparentes e cooperativos. Entendemos que temos que fazer o melhor para o País. Se é bom para o Brasil, é bom para a indústria”, afirmou.

Nesse sentido, foram debatidas pautas prioritárias, como nova Lei do Gás, nova Lei de Licitações, reformas Tributária e Administrativa, Pronampe e Refis. Apesar das pautas estarem em tramitação em nível nacional, possuem efeito cascata para os demais entes da federação.

“A pandemia trouxe um contexto impen-sável, com consequências que já afetam e vão continuar afetando por um bom tempo toda sociedade. Precisamos de união e esse movimento das entidades do Fórum Empresarial de Goiás é positivo porque busca, com uma ação conjunta, minimizar impactos e buscar soluções conjuntas para a retomada do setor”, avaliou Paulo Afonso.

O Conselho de Assuntos Legislativos (CAL) foi criado pela Fieg na última reunião de diretoria da entidade, realizada no dia 15 de março, quando foram empossados os conselheiros. Participaram do encontro on-line do colegiado os representantes João Paulo Nogueira Oliveira (Adial), Allan Máximo de Holanda e Thiago de Souza Peixoto Falbo (Acieg), José de Abreu Torres (Facieg), Ângela Lemes (Fecomércio) e Mariana D’Ávila Cavalcante Arrais (FCDL).

Atualmente, a Fieg dispõe de dez conselhos temáticos, quatro câmaras setoriais, o Comitê da Indústria de Defesa e Segurança e a Rede Metrológica (**confira na página 4**). ■

SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200, Quadra 67-C, Lote 1/5, nº 1.121 – Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria – Goiânia-GO, CEP: 74645-230

GERÊNCIA SINDICAL DA FIEG: Denise de Oliveira Resende - Telefone (062) 3224-9226

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás

Presidente: Olavo Martins Barros
Fone: (62) 98458-9648 / 98212-9513
sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás

Presidente: Mário Arruda
Fone: (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA

Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás

Presidente: Luiz Carlos Borges
Fone/Fax: (62) 3501-0062
sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL

Sindicato da Indústria da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás

Presidente: Célio Eustáquio de Moura
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
(62) 98625-4889
sindcel.go@gmail.com

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás

Presidente: Antônio Benedito dos Santos
Diretora executiva: Denise Resende
Fone/Fax: (62) 3224-9226 / 3224-4253
siaeg@siaeg.com.br

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás

Presidente: Jerry Alexandre de Oliveira Paula
NOVO ENDEREÇO
Telefone: (62) 99968-4302.
siago@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás

Presidente: Elvis Roberson
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINCAL

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF

Presidente: Nilo Bernardino Gomes
Fone/Fax (62) 3223-6667
sinincag@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás

Presidente: Leandro Luiz Stival Ferreira
Fone: (62) 3229-1187
sindicarnegoias@gmail.com

SINDICURTUME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás

Presidente: Emílio Carlos Bittar
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindicurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás

Presidente: José Luís Martin Abuli
Fone: (62) 98109-8608
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás

Presidente: Alcides Augusto da Fonseca
Fone: (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás

Presidente: Luiz Antônio Nogueira
Fone: (62) 3224-5405 / 98304-0013
simplago@sistemafieg.org.br /
simplago.go@gmail.com

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitearia no Estado de Goiás

Presidente: Marcos André Rodrigues de Siqueira
Fone: (62) 98422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás

Presidente: Eliton Rodrigues Fernandes
Telefone: (62) 98436-1724
simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás

Presidente: Jaques Jamil Silvério
Fone: (62) 3224-4253
sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás

Presidente: José Divino Arruda
Fone: (62) 3225-8933 / 3212-3661 /
98235-1200
sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF

Presidente: Marcus Brandão Lima e Silva
Fone: (62) 3213-0378
sindibrita@sistemafieg.org.br

SIEEG-DF

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal

Presidente: Luiz Antônio Vessani
Fone: (62) 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás

Presidente: Marcos Antônio do Carmo
Fone: (62) 3223-6515
sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás

Presidente: Silvío de Sousa Naves
simelgo@sistemafieg.org.br
Fone/Fax: (62) 3224-4462
simelgo@sistemafieg.org.br

SINDIQUÍMICA

Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás

Presidente: Jair José de Alcântara
Fone: (62) 3212-3794 e 9230-1812
sindiquimica@gmail.com

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás

Presidente: Nicolas Lima Paiva
Fone: (62) 99954-6101
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste

Presidente: Sérgio Scodro
Fone: (62) 3224-4253
sindtrigo@gmail.com

SIFAÇUCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás

Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás

Presidente: Marcelo de Freitas Barbosa
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
sifaeg@terra.com.br

OUTROS ENDEREÇOS

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano

Presidente: Heitor de Oliveira Nato Neto
Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax: (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás

Presidente: Cezar Valmor Mortari
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3095-5155
presidencia@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confeções de Roupas em Geral de Goiânia

Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0878 e (62) 3202-5567
sinroupas@yahoo.com.br

SEDE ANÁPOLIS

Edifício Capitão Waldyr O'Dwyer

Rua JM-16, Quadra 52, Lote 22, Setor Sul Jamil Miguel - Anápolis-GO - CEP 75124-200
Fone/Fax: (62) 3324-5768 / 3311-5565
E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS

Presidente: Wilson de Oliveira

SINDALIMENTOS

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis

Presidente: Wilson de Oliveira
sindalimentos@sistemafieg.org.br

SINDUSCON ANÁPOLIS

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis

Presidente: Anastácios Apostolos Dagios
sindusconaps@sistemafieg.org.br
www.sindusconanapolis.com.br

SINDICER-GO

Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás

Presidente: Laerte Simão
Presidente executivo: Itair Nunes de Lima Jr.
sindicergo@sistemafieg.org.br

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis

Presidente: Jair Rizzi
siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás

Presidente: Marcelo Reis Perillo
Presidente-Executivo: Marçal Henrique Soares
sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis

Presidente: Robson Peixoto Braga
simmea@sistemafieg.org.br

MOVA-SE

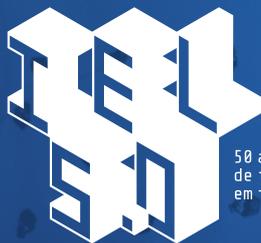
JUNTO COM
O SESI.



Esportes e atividades físicas SESI.
A melhor hora do seu dia.
sesigoias.com.br



Um bom estágio,
um bom lugar pra trabalhar!
Estágio IEL faz a diferença



50 anos
de tradição
em inovar.



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

 @ielgo  /ielgooficial ielgoias.com.br